

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Mestrado em Artes Visuais



Dissertação de Conclusão de Curso

Fotografias de cidades invisíveis:

Um olhar poético e cartográfico sobre os fluxos no bairro Fragata em
Pelotas, Rio Grande do Sul

Daniel Rodrigues Moura

Pelotas

2019

Daniel Rodrigues Moura

Fotografias de cidades invisíveis:

Um olhar poético e cartográfico sobre os fluxos no bairro Fragata em
Pelotas, Rio Grande do Sul

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Mestrado do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientador: Cláudio Tarouco de Azevedo

Pelotas

2019

Daniel Rodrigues Moura

Fotografias de cidades invisíveis:
Um olhar poético e cartográfico sobre os fluxos no bairro Fragata em
Pelotas, Rio Grande do Sul

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Banca: 30/09/2019

Banca examinadora:

Prof. Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo (Orientador)

Pós-doutor em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas

Prof^a. Dr^a. Eduarda Azevedo Gonçalves

Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Teresa Lenzi

Doutora em Arte Contemporâneo e Investigación pela Universidade de Castilla-La Mancha - Espanha

Agradecimentos

Venho neste espaço agradecer à todas as pessoas que incentivaram e contribuíram para a realização dessa dissertação. Gostaria de expressar nessas linhas o mais sincero muito obrigado!

Começo agradecendo aos meus pais Jesus e Lira, pelo incentivo e dedicação, mesmo com toda a dificuldade me deram educação e a estrutura necessária para percorrer esse caminho.

Agradeço a minha esposa Islaine e meu filho Lucas, pelo incentivo e apoio nesse período.

Agradeço a minha orientadora na Graduação professora Juliana Angeli, por acreditar e incentivar a entrar no Mestrado em Artes Visuais.

Agradeço ao professor Cláudio Azevedo pelo apoio e orientação durante o transcorrer de todo o Mestrado.

Agradeço aos colegas da Graduação e do Mestrado em Artes Visuais pelo companheirismo durante todos esses anos.

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação
transvê. É preciso transver o mundo.

Manuel de Barros

Resumo

Esta dissertação, denominada Fotografias de cidades invisíveis: um olhar poético e cartográfico sobre os fluxos no bairro Fragata em Pelotas, Rio Grande do Sul, foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. A pesquisa poética é voltada para algumas inquietações vivenciadas na minha existência. O trabalho proposto parte de questionamentos em relação ao que afeta a nossa percepção na urbe. Vivemos na contemporaneidade com os excessos de trabalho, de informações e de imagens. Será que ainda temos tempo para olhar a cidade? E quando temos, estamos dispostos a contemplá-la? O capitalismo massifica a subjetividade dos indivíduos mostrando somente um caminho: o do consumo e de uma falsa felicidade, que acarreta no aceleração do cotidiano. A metodologia empregada na pesquisa foi a cartografia por se tratar da minha subjetividade enquanto pesquisador, sendo o objeto de pesquisa o meu próprio território existencial. A partir do bairro Fragata, onde moro há mais de quarenta anos, começo a fotografar os fluxos dos transeuntes e encontrar pistas para desenvolver o trabalho. Uma delas foi o livro As cidades invisíveis, de Italo Calvino, que me fez olhar para o meu bairro de outra maneira e usar a imaginação para encontrar outras cidades dentro de Pelotas. No caminhar da pesquisa descobri três cidades, cada uma com sua particularidade, mas todas carregadas de histórias. Para materializá-las utilizo a fotografia como extensão do meu olhar para produzir vídeos e imagens.

Palavras Chave:

Fotografia – Cartografia – bairro Fragata – Cidades invisíveis – Arte Contemporânea

Abstract

This dissertation, called *Photographs of Invisible Cities*: a poetic and cartographic look at the flows in the Fragata neighbourhood of Pelotas, Rio Grande do Sul, was conducted at the UFPel Postgraduate Program in Visual Arts, in the research line Creation Processes and Poetics of everyday life. The poetic research is focused on some concerns experienced in my existence. The proposed work starts from questions regarding what affects our perception in the city. We live in contemporary times with the excesses of work, information and images. Do we still have time to look at the city? And when we have, are we willing to contemplate it? Capitalism massifies the subjectivity of individuals by showing only one way: consumption and false happiness, which leads to the acceleration of daily life. The methodology used in the research was cartography because it is my subjectivity as a researcher, being the object of research my own existential territory. From the Fragata neighbourhood, where I have lived for over forty years, I begin to photograph passer-by flows and find clues to develop the work. One of them was Italo Calvino's book *The Invisible Cities*, which made me look at my neighbourhood in a different way and use my imagination to find other cities within Pelotas. In the course of the research I discovered three cities, each with its own particularity, but all full of stories. To materialize them I use photography as an extension of my gaze to produce videos and images.

Key words:

Photography - Cartography - Fragata district - Invisible Cities - Contemporary Art

Lista de Figuras

Figura 1 - Salvador Dali, Tentação de Santo Antônio, óleo sobre tela, 1946. Fonte: https://dalisanantonio.wordpress.com/	21
Figura 2 - Daniel Moura, sem título, acrílico sobre tela, 60 x 80 x 2 cm, 2013.....	23
Figura 3 - Daniel Moura, arquivo pessoal, 2013.....	27
Figura 4 - Daniel Moura, temporeflexo 4, vídeo, 2014, duração 00:01:36.	29
Figura 5 - Situacionistas, Guy Debord, guidepsychogéographique de paris, 1957. Fonte: https://www.urbain-trop-urbain.fr/le-paris-des-situationnistes/	34
Figura 6 - Mapa da cidade de pelotas – fonte: http://server.pelotas.com.br/servicos/cidadao/mapa-urbano/	38
Figura 7 - Antoine Alexandre Auguste Frémy, sem título, grafite sobre madeira, 30 x 44cm, 1857. Fonte: Catálogo Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.....	39
Figura 8 - Manchete de um jornal local. Fonte: Jornal Diário da Manhã.....	43
Figura 9 - Oscar Gustave Rejlander, fotografia, Os dois caminhos da vida, 79 x 40 cm, 1857.Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/file:oscargustavejlander_two_ways_of_life.jpg	51
Figura 10 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidade das Pessoas Invisíveis, 2018.....	52
Figura 11 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidade das Pessoas Invisíveis - Gari, papel fotográfico, 16 cm x 66 cm, 2018.	54
Figura 12 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidade das Pessoas Invisíveis – Gari, 2018.	55
Figura 13 - Gráfico do percurso das fotografias do bairro cidade.....	60
Figura 14 - Pista no meio da Avenida Duque da Caxias – ponto selecionado para realizar as fotografias – arquivo pessoal, 2018.....	62

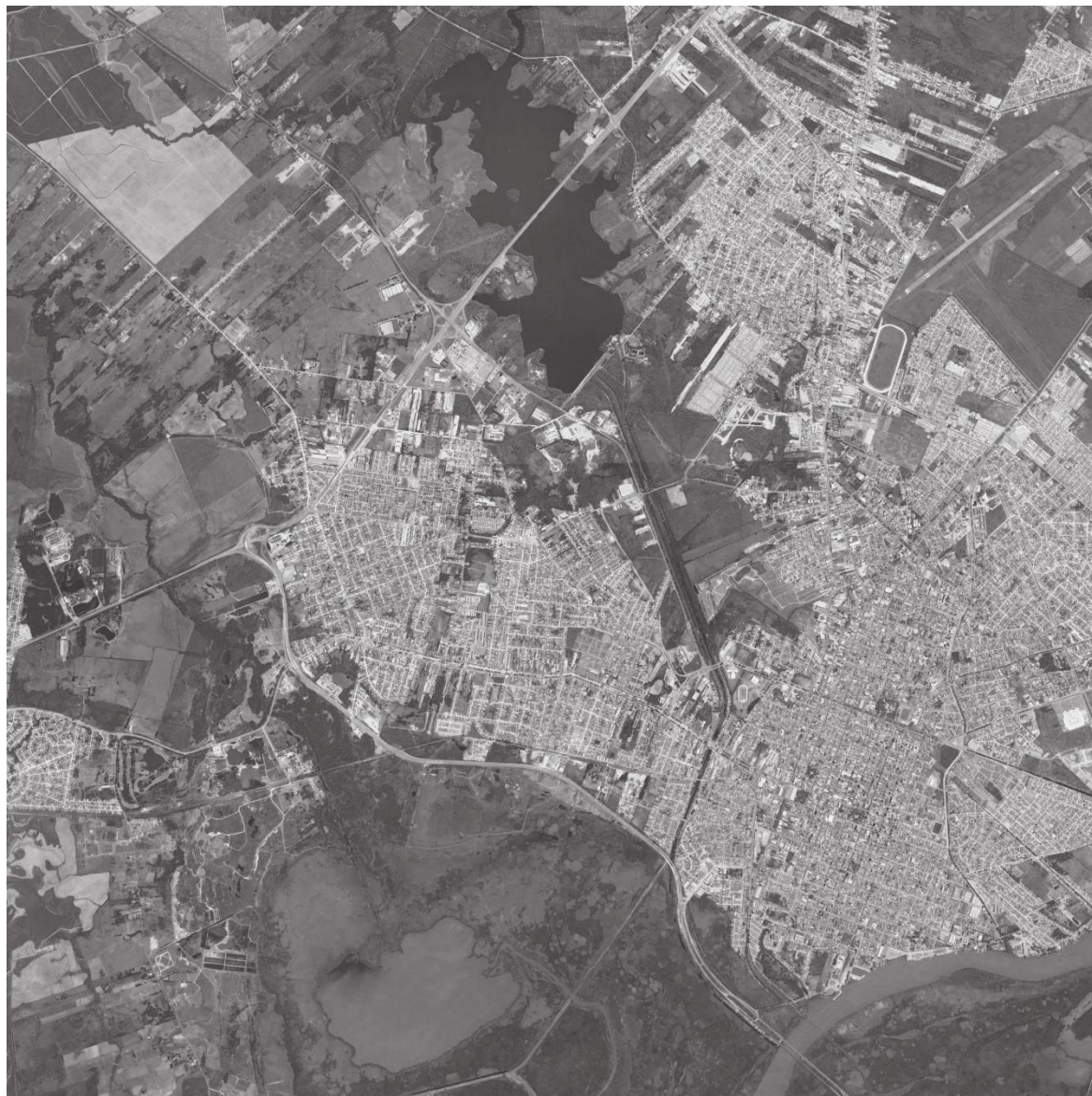
Figura 15 - William Kentridge - ateliê. Fonte: Catálogo William Kentridge Fortuna.	65
Figura 16 - Interior de Canguçu, Daniel Moura, arquivo pessoal, 2019.....	67
Figura 17 - Camadas – Daniel Moura - Processo de sobreposição de imagens para enfatar o fluxo de tempo.....	71
Figura 18 - Daniel Moura, sem título, vídeo, 2018, duração 00:00:51.	72
Figura 19 - Imagem do projeto enviado a direção do MALG.	74
Figura 20 - Divulgação da vídeo intervenção da programação semanal do MALG.	75
Figura 21 - Cartaz digital – realizado por Joana Krupp. Divulgado no Facebook	76
Figura 22 - Daniel Moura, fotografia digital, Microintervenção 1, 2018.....	77
Figura 23 - Daniel Moura, fotografia digital, Microintervenção 2, 2018.....	78
Figura 24 - Detalhe do quadro Bairro Cidade.....	80
Figura 25 - Daniel Moura, Bairro Cidade, fotografia digital, impressão em papel fotográfico, 58 cm x 53,5 cm x 2 cm, 2018.	81
Figura 26 - Mapa do cemitério - Cidade dos Mortos - fonte: Google Earth.....	86
Figura 27 - Daniel Moura, arquivo pessoal - Muro verde do cemitério, 2019.	87
Figura 28 - Daniel Moura, arquivo pessoal - Bancas de flores, 2019.	91
Figura 29 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidades dos Mortos – portal, 2018.	93
Figura 30 - Cena do filme Nosferatu: uma sinfonia do horror. Fonte: https://www.youtube.com/watch?V=sweup1ogx6a	95
Figura 31 - Eugène Atget, fotografia, Rue des Nonnains-d'hyères e Rue de l'hôtel-de-ville, 1899. Fonte: https://www.artgallery.nsw.gov.au/resources/exhibition-kits/eugene- atget/streets-of-paris/	96
Figura 32 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidades dos Mortos - Senhores, 2018.....	97

Figura 33 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidade dos Mortos - Sombras, 2018.....	99
Figura 34 - Alexey Titarenko, fotografia, Estação de Metrô Vasileostrovskaya (multidão 1), impressão em gelatina de prata, 1992. Fonte: http://www.alexeytitarenko.com/	101
Figura 35 - Folha sem cortes de uma Carte de Visite, 1860. Fonte: https://www.moma.org/collection/works/45679	103
Figura 36 - Caravaggio, Medusa, óleo sobre tela, diâmetro 44,68 cm, diâmetro circular 48/49 cm, 1597. Fonte: google arts & culture. Fonte: https://artsandculture.google.com/asset/%20medusa/fafpqu12cekl8q?Hl=pt-br	105
Figura 37 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidade dos Mortos - Mensagem, 2018.	107
Figura 38 - Daniel Moura, Cidade dos Mortos – Mensagem, fotografia digital, fotografia impressa em tecido wideprint, 90 cm x 126 cm, 2018.	109
Figura 39 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidade dos Mortos - Moça, 2018.	111
Figura 40 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidade dos Mortos – Cidades 1, 2018.	113
Figura 41 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidade dos Mortos – Cidades 2, 2018.	114
Figura 42 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidade dos Mortos – Janelas 1, 2018.	115
Figura 43 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidade dos Mortos – Janelas 2, 2018.	115
Figura 44 - Han Ho, fotografia, Approaching Shadow, 1954. Fonte: https://fanho-forgetmenot.com/work-2	116
Figura 45 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidade dos Mortos – Fronteira, 2018.	117

Sumário

INTRODUÇÃO: CARTA AO LEITOR...	12
ANTECEDENTES: O INÍCIO DE UM VELEJAR...	18
FOTOGRAFIA: UM MEIO DE OBSERVAR E PRODUZIR O MUNDO	25
O CAMINHAR NAS CIDADES IMAGINADAS	35
PELOTAS E SUAS CIDADES INVISÍVEIS	42
CIDADE DAS PESSOAS INVISÍVEIS	47
BAIRRO CIDADE	57
<i>Time-lapse</i> : Sampleamentos poéticos do cotidiano	62
CIDADE DOS MORTOS	83
CONCLUSÃO: RELATÓRIO DA EXPEDIÇÃO	119
BIBLIOGRAFIA	123

Introdução: Carta ao leitor...



Caro leitor, estou escrevendo esta simples carta para fazer um breve relato das minhas aventuras e descobertas no curso de Mestrado em Artes Visuais da UFPel. Neste momento, estou sentado na cabine da minha Fragata, em frente à mesa, escrevendo essas palavras; ao meu lado tenho os espólios conquistados das cidades que encontrei. Durante dois anos naveguei por um mar da minha existência e dela extraí anotações, livros, recordações e fotografias para construir esta dissertação. Acabo de chegar de uma longa viagem, estou cansado, mas é um esgotamento que traz felicidade por ter chegado a esta etapa. Mesmo exausto, acho necessário compartilhar com vocês todos os percalços e histórias que aconteceram nesta expedição.

Como artista/pesquisador, necessitei de uma metodologia para dar impulso ao velejar da pesquisa poética em Artes Visuais, uma bússola que me guiasse nessa jornada. A minha Rosa dos Ventos¹ foi a cartografia, o suporte usado para desenvolver a pesquisa e a poética, por se tratar da subjetividade do pesquisador e do objeto de pesquisa como seu território existencial, “(...) a instalação da pesquisa cartográfica sempre pressupõe a habitação de um território, o que exige um processo de aprendizado do próprio cartógrafo (...)” (ALVAREZ e PASSOS, p. 135). Durante o curso, fui aprendendo a explorar o território da cidade de Pelotas e dela extraí o material necessário para a formação deste trabalho,

¹ Rosa dos Ventos – Formado pelos pontos cardeais, o seu desenho serve como instrumento para a navegação. Pode ser usada em mapas ou cartas de navegação.

não existiu “regras já prontas” (PASSOS e BARROS, 2009) para a construção da pesquisa poética; as pistas, os acontecimentos e as histórias foram aparecendo junto aos fluxos da cidade. Passos e Barros estavam certos, toda pesquisa é uma intervenção que gera uma experiência entre sujeito e objeto.

Esta pesquisa, de certa forma, tem alguns resquícios dos questionamentos feitos em outra viagem na graduação, no curso de bacharelado em Artes Visuais da UFPel, a partir da minha poética pessoal em fotografia. Inquietações referentes a minha existência, como o aceleração do cotidiano pelo excesso de produtividade que acabou causando falta de tempo e me levou a uma rotina, a um estado de *loop* infinito², afetando a minha percepção. Na época, estava em uma correria diária, trabalhando no comércio e, ao mesmo tempo, estudando. Chegou a um ponto que tive que fazer uma escolha entre o trabalho e o estudo, para desenvolver a minha poética. Na graduação, comecei a observar o meu cotidiano e encontrei nele os reflexos em poças d’água. Saía depois das chuvas para fotografar as imagens especulares que se formavam nas poças, na cidade de Pelotas. Com o tempo percebi a sua efemeridade, ao longo dos dias vão secando e deixando de existir. Foi quando realizei vídeos com a técnica *time-lapse*³, explorando essas características das poças. Após o término do bacharelado, continuei com pensamentos referentes à perda da percepção na contemporaneidade.

² *Loop* infinito – Laço infinito - Termo usado na área de informática e programação de softwares, e quando um dispositivo trava ou fica repedindo a execução de um programa.

³ *Time-lapse* é uma técnica de fotografia para vídeo. Inicialmente, várias fotografias são capturadas de forma independente e com intervalos de tempo fixos entre um quadro e outro. Estes intervalos podem durar alguns segundos ou minutos”. Disponível em: <http://maquinna.com.br/blog/referencia/339/o-que-e-time-lapse/> acessado em 13/06/2018.

Entrei para o mestrado com a intenção de descobrir o que nos leva a uma rotina e a um cotidiano acelerado. Para Nelson Brissac Peixoto o “(...) olhar contemporâneo não tem mais tempo” (2003, p. 209). Refleti sobre o pensamento do autor, acredito que na correria do nosso dia-a-dia deixamos de enxergar as coisas simples, como olhar para a cidade pulsante e que pede para ser observada. Vivemos hoje com tantos excessos, de trabalho, de informações e de imagens, será que ainda temos tempo para olhar a cidade? E quando temos, estamos dispostos a parar e contemplá-la? A pergunta mais importante é se, é possível sair do aceleração da vida imposto pelo o capitalismo. São alguns questionamentos que faço para poder compreender a nossa atualidade. Para responder essas questões, comecei a observar, junto à fotografia, os transeuntes na cidade de Pelotas. Passantes diários que não percebem a urbe, como já fui um dia, um passageiro anestesiado, embarcado no fluxo da rotina do tempo.

Para essa aventura levei comigo alguns teóricos, tais como Félix Guattari (2001), para ajudar a compreender os velhos e os novos questionamentos, como o excesso de informação provocado pelo Capitalismo Mundial Integrado (CMI), que massifica a subjetividade coletiva pregando o consumo e, por meio dele, gerando uma falsa felicidade e status social. Além dele, Zygmunt Bauman (2001) e Byung-chul Han (2017), cada um dando suporte para desenvolver a pesquisa. No caminho encontrei o escritor Italo Calvino e o seu livro *As cidades invisíveis*, suas histórias fizeram-me olhar para cidade de Pelotas de outra maneira, usar a imaginação para perceber a cidade e os seus transeuntes. Por meio do seu livro comecei a olhar mais para o meu bairro e descobri depois dos quarenta e poucos anos, que moro em uma Fragata. Foi, então, que senti que poderia explorar o conceito de cidades dentro de Pelotas junto com transeuntes que seriam personagens de

cada cidade. Para instigar o leitor a navegar comigo nessa investigação, compartilho um *spoiler*⁴ do que está por vir na dissertação. No velejar da pesquisa encontrei três cidades. Em cada urbe encontrada, coloquei no início do capítulo uma cidade de Calvino que tenha alguma semelhança com a cidade imaginada.

Como comandante da minha Fragata existencial, precisei da fotografia como uma extensão do meu olhar para materializar as cidades encontradas. Ela está presente em toda a dissertação por fazer parte da minha poética. Para dar suporte aos meus pensamentos, convidei para embarcar na Fragata outros autores que falam de fotografia, como Roland Barthes (2015), Phillipe Dubois (2012) e Boris Kossoy (2009).

Para encontrar e observar as cidades tive influência de dois personagens, um de Edgar Allan Poe *O homem da multidão*. Nesse conto, uma das suas figuras principais tem um fascínio por fluxos intensos de transeuntes, por isso percorria a cidade de Londres até achar um aglomerado de pessoas e, quando encontrava, ficava horas caminhando entre os passantes. O outro é o *flâneur*, das obras de Charles Baudelaire e de Walter Benjamin, personagem que surgiu no espaço urbano moderno de Paris, que nas suas andanças ele transformava as ruas da cidade em uma leitura, um ambiente para ser lido, analisado e investigado (MASSAGLI, 2008). Cada cidade encontrada carrega um traço da minha existência como memórias da infância e experiências vivenciadas no local.

Em cada cidade que desembarquei, tive contato com as pessoas por meio perceptivo ou por meio de diálogos. Quando estava fotografando, o equipamento fotográfico

⁴ *Spoiler* – É quando alguém dá informação sintética sobre um filme ou livro sem a pessoa ter visto ou lido ainda.

chamava atenção dos pedestres, e alguns ficaram interessados em saber o que estava acontecendo, surgindo uma troca de palavras. Essas conversas resultaram em imagens que contam as histórias e as circunstâncias desses encontros nas cidades. Para desbravar os mares da pesquisa poética, convidei alguns artistas e fotógrafos como Salvador Dali, William Kentridge, Eugène Atget, Alexey Titarenko e Fan Ho, para embarcarem nesta viagem, cada um dialogando com uma técnica fotográfica ou com a maneira de apresentar o trabalho, mas todos ajudando a içar as velas da Fragata existencial. No final da dissertação, apresento o relatório da expedição nos mares de Pelotas, comentando o que precisei para sair do aceleração do cotidiano e ir além da rotina anestesiante da urbe em pleno Capitalismo Mundial Integrado (CMI).

Atenciosamente,
Daniel Moura.

Antecedentes: O início de um velejar...



Antes de começar a falar da minha pesquisa, acho necessário contar um pouco da trajetória, dos motivos e dos acontecimentos que me levaram a realizar o mestrado de Artes Visuais. Por entender que no velejar do projeto existe relações entre os trabalhos e a minha vida cotidiana, mesmo que no momento da execução de cada um deles não tenha sido percebido. Por esse motivo volto um pouco ao passado para contar essas histórias.

No ano de 2007 estava passando por um momento de reflexão, uma crise existencial, trabalhando há seis anos no mesmo emprego e seguindo diariamente a mesma rotina, do trabalho para casa e vice-versa; aquilo de certa forma estava me consumindo por dentro, dia após dia vendo o tempo passar atrás de um balcão. Foi quando percebi que era preciso fazer alguma coisa para mudar e encontrar novos ares para minha existência.

Não era simplesmente trocar de emprego e sim buscar algo novo, que desse outro sentido para vida, buscar novas experiências, conhecimentos e encontrar novas pessoas. Foi, então, que senti a necessidade de voltar a estudar e descobrir novos caminhos. Para isso acontecer era preciso estruturar a minha vida e da minha família, no momento não poderia simplesmente deixar o emprego, precisava conciliá-lo com os estudos.

A primeira meta a ser atingida, naquele ano, era terminar o segundo grau (atual ensino médio), que deixei de lado e esquecido, em função de outras prioridades, como ter liberdade financeira. Mas como diz aquele velho ditado “antes tarde do que nunca”, então fui em frente, só faltavam algumas disciplinas para terminar. Aos poucos, conciliando com o trabalho consegui no mesmo ano acabar o ensino médio. O primeiro passo foi dado.

A faculdade foi o próximo passo, mas antes era preciso melhorar os meus conhecimentos, já que estava meio “enferrujado”, procurei um curso pré-vestibular para

aprimorar e, assim, ter um preparo melhor para prestar o vestibular. Nesse ano, a UFPel⁵ aderiu ao novo formato de seleção, o ENEM⁶, que ficou mais concorrido e mais confuso. Para conseguir uma vaga em algum curso da instituição era preciso concorrer com todos os candidatos do Brasil inscritos no curso pretendido. Antes era somente com os que estavam inscritos nos cursos ofertados pela UFPel.

A escolha do curso foi realizada com os olhos no passado, para a infância e a juventude, como no conselho dado por Rainer Maria Rilke⁷ para um jovem poeta, que enviou seus poemas pedindo sua opinião. Rilke mandou uma carta respondendo os questionamentos do jovem, da qual destaco uma parte:

Mesmo que estivesse em uma prisão, cujos muros não permitissem que nenhum dos ruídos do mundo chegasse a seus ouvidos, o senhor não teria sempre a sua infância, essa riqueza preciosa, régia, esse tesouro das recordações? Volte para ela a atenção. Procure trazer à tona as sensações submersas desse passado tão vasto; sua personalidade ganhará firmeza, sua solidão se ampliará e se tornará uma habitação a meia-luz, da qual passa longe o burburinho dos outros. (RILKE, 2017, p. 26)

Olhei para aquilo que mais gostava de fazer na infância, que era pegar um lápis e sair desenhando. Lembro de algumas coisas que me motivaram na época, como um programa de televisão que ensinava os telespectadores a desenhar, passava na TV Cultura, denominado “À Mão Livre”⁸, e apresentado pelo artista plástico Philip Hallawell no

⁵ UFPel - Universidade Federal de Pelotas.

⁶ Exame Nacional do Ensino Médio) O Enem é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Além disso, cerca de 500 universidades já usam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso no ensino superior, seja complementando ou substituindo o vestibular.

⁷ Livro Cartas a um jovem poeta.

⁸ Episódios disponíveis no Youtube - <https://www.youtube.com/user/amaolive> acessado em 07/06/2018.

início da década 1990. Eu ficava admirado com a sua habilidade nos traços e a técnica do claro e escuro para dar volume às formas, e não perdia um episódio; e logo que o programa terminava pegava um lápis e um papel e ia treinar as lições apreendidas.

Lembro, ainda, de alguns fascículos dos “grandes mestres da pintura”, que minha mãe me passou depois de ter ganho da professora de artes, para quem ela trabalhava na época. Neles conheci os primeiros pintores famosos, os quais me instigavam a curiosidade, a pensar de que forma foi realizado, qual o motivo? Deveria ter outras perguntas que agora não lembro, mas lembro das pinturas (figura 1) do artista Salvador Dali (1904 – 1989), em particular de uma que mais chamou a atenção, a com cavalos e elefantes com patas compridas, que elevam seus dorsos acima das nuvens, carregando prédios, torres, uma coluna e algumas mulheres nuas, abaixo no chão a figura de um homem nu, Santo Antônio, com o braço esticado segurando na mão uma cruz.



Figura 1 - Salvador Dali, tentação de Santo Antônio, óleo sobre tela, 1946. Fonte: <https://dalisanantonio.wordpress.com/>

Mas teve outra coisa que me ajudou a escolher o curso de Artes Visuais. Toda pintura, escultura, fotografia e outros meios artísticos têm por trás da sua construção uma história, um acontecimento e um artista, e a História da Arte, que estava nos fascículos, que na época chamavam a minha atenção e não eram compreendidos, e isso eu poderia aprender e descobrir nas Artes Visuais.

A vida é feita de sonhos, alguns são realizados outros não. Em 2010 consegui conquistar um, o de ingressar no curso de bacharelado em Artes Visuais na UFPel. No início foi complicado, não tinha como fazer todas as disciplinas do semestre em função do horário do serviço. Aos poucos fui organizando e negociando os horários da faculdade com os responsáveis pelo local onde trabalhava.

Inicialmente transitei pelos ateliês, mas foi na pintura⁹ que comecei a desenvolver um trabalho de sobreposições de tintas escorridas (figura 2). Essas pinturas foram feitas após ter observado um simples e pequeno córrego. Ali percebi o seu poder de levar tudo o que está a sua frente, pensei nessa força multiplicada escoando pela urbe. Em um dia de muitas chuvas, o acúmulo de água aumenta e arrasta todos os detritos jogados nas ruas, e vai literalmente varrendo a cidade. Procurei representar essa força na pintura, esse fluxo em cada gota de pigmento diluído em água, que deslizava sobre o suporte.

Hoje observo essas pinturas e as vejo de outra maneira, intrinsecamente ligadas ao trabalho desenvolvido no mestrado, como nas fotografias dos transeuntes na urbe. Nas grades que se formaram pelas sobreposições de escorridos, enxergo um mapa da cidade

⁹ Introdução à pintura e Ateliê de Pintura I, disciplinas ofertadas na grade do Bacharelado em Artes Visuais – Ministrada pelo professor José Luiz de Pellegrin.

visto do alto (reação semelhante a de Michel de Certeau no alto World Trade Center, em Nova York, que comentarei mais no decorrer do texto) e em cada linha o fluir, os deslocamentos dos seus habitantes saindo de suas casas, realizando as suas atividades, indo ao trabalho e ao consumo. Parte desse consumismo frenético em que vivemos na contemporaneidade volta para a cidade, em forma de lixo, jogados e acumulados nas vias urbanas. São os excessos da sociedade. E esse ciclo se repete diariamente, e somente as fortes chuvas podem lavar as ruas e a alma da cidade.



Figura 2 - Daniel Moura, sem título, acrílico sobre tela, 60 x 80 x 2 cm, 2013.

Outras pinturas foram feitas com a mesma proposta e técnica. Com o tempo, o meu interesse foi mudando e durante o percurso da graduação surgiu outro meio de expressar o que sinto, e mostrar através dela, as inquietações que tenho perante o aceleração da vida contemporânea. Foi na fotografia que comecei de fato a observar o meu cotidiano, e a partir dessa observação tirar o material necessário para desenvolver a pesquisa. Dessa maneira sigo o meu caminho em um mar sereno, em busca de novas aventuras e histórias.

Fotografia: Um meio de observar e
produzir o mundo



Foi na contaminação do Laboratório de Fotografia I¹⁰ que encontrei o meio de expressar a arte naquilo que vejo e sinto, as inquietações do mundo. Nunca tinha utilizado uma câmera DSLR¹¹ antes, só as compactas, de filmes e depois as digitais, que funcionavam no modo automático, era só enquadrar e apertar o botão como no slogan da Kodak¹² “você aperta o botão, a gente faz o resto”.

Apreender a usar a câmera em modo manual¹³ e compreender o processo de obter uma imagem é o mesmo que apreender a andar de bicicleta, traz a liberdade de sair e explorar o mundo¹⁴. Segundo Yi-Fu Tuan “(...) um instrumento ou máquina aumenta o mundo da pessoa quando ela sente que é uma extensão direta de seus poderes corporais (...)” (1983, p. 60). Sinto a câmera fotográfica como uma extensão do corpo, uma “prótese” (ECO, 1989) movível do olhar, que leva a um “(...) caminhar como forma de arte, como uma prática estética” (JACQUES, 2013, p. 7). A fotografia junto com os deslocamentos permite descobrir o espaço urbano. Dessa combinação é possível gerar uma produção de trabalhos a partir do andar pela cidade.

A primeira fotografia que despertou o interesse de continuar a pesquisar e desenvolver um trabalho foi uma imagem (figura 3) da bacia de tratamento d'água no

¹⁰ Disciplina ofertada na grade do Bacharelado em Artes Visuais – Ministrada pela professora Juliana Angeli.

¹¹ Câmera DSLR - Digital Single-LensReflex – Tem mais recursos que uma compacta, e tem a opção intercambiável que permite trocar a lente.

¹² Disponível em <http://www.albertodesampaio.com.br/kodak-no1-voce-aperta-o-botao-nos-fazemos-o-resto/> acessado 13/06/2018.

¹³ Modo Manual – É o modo em que o fotógrafo tem o total controle no ISO, abertura e velocidade do obturador.

¹⁴ Tenho consciência de que é possível fotografar com celular ou com câmeras compactas e explorar o mundo com elas, mas uma câmera DSLR traz mais possibilidades criativas.

DMAE¹⁵, em Porto Alegre. Nela estava refletida a cidade, isso gerou questionamentos sobre o que afeta nossa percepção no cotidiano. O que nos leva a uma rotina que faz a não olhar para cidade? São perguntas que trouxe para a pesquisa do mestrado. Em Pelotas, comecei a explorar os reflexos de poças d'água, esperava a chuva passar e saía em busca de imagens inusitadas que se formavam, quase que diariamente, em meio ao cotidiano e que antes não as percebia.

Reflexos que são formados quase que diariamente, que parecem lâmpadas que apagam e acendem conforme a dança da chuva e do tempo. Imagens refletidas que mostram a cidade de uma maneira diferente que antes não percebia. Assim, cada imagem reflete um tempo que passou (MOURA, 2014, p. 20).



Figura 3 - Daniel Moura, arquivo pessoal, 2013.

¹⁵ Departamento Municipal de Água e Esgotos, Porto Alegre – RS.

Com o tempo percebi que as imagens refletidas nas poças d'água eram efêmeras, que, com o passar dos dias evaporavam e secavam, deixando de existir. Foi então que resolvi fazer vídeos com a técnica *time-lapse* (figura 4) explorando a efemeridade das poças.

Nessa época estava conseguindo conciliar o trabalho e o estudo, sabia que em algum momento deveria escolher entre um ou outro para me dedicar. Então em 2013 a minha vida ficou mais complicada, estava perto de terminar o bacharelado e precisava de tempo para desenvolver o trabalho de conclusão de curso. Era preciso fazer uma escolha: continuar no emprego ou terminar a faculdade.

Não tinha mais tempo para enxergar o que estava em minha volta. Meu dia-a-dia se resumia do trabalho para faculdade e vice e versa. Era um momento da minha vida em que tinha que escolher entre o emprego ou a faculdade. Optei em seguir o caminho dos estudos (MOURA, 2014, p. 37).

Mergulhei no projeto final desenvolvendo vídeos com a efemeridade das poças d'água, quando percebi que para desenvolver um projeto era preciso de tempo para pensar e refletir sobre o processo e as referências.



Figura 4 - Daniel Moura, TempoReflexo 4, vídeo, 2014, duração 00:01:36.

Trouxe para o mestrado algumas perturbações que ficaram na graduação, sobre o aceleração da vida contemporânea e de como deixamos de perceber o que está ao nosso entorno. Para Nelson Brissac Peixoto, esta discussão está na atualidade em todos os debates teóricos, segundo:

As transformações mais radicais na nossa percepção estão ligadas ao aumento da velocidade da vida contemporânea, ao aceleração dos deslocamentos cotidianos, à rapidez com que o nosso olhar desfila sobre as coisas. Uma dimensão está hoje no centro de todos os debates teóricos, de todas as formas de criação artística: o tempo. Olhar contemporâneo não tem mais tempo (PEIXOTO, 2003, p. 209).

O olhar “não tem mais tempo”, isso pode ser em função de um mundo que cada dia fica mais conectado. Diariamente, recebemos uma avalanche de informações e de imagens (impressa, digital, *outdoor* e placas comerciais), essa propagação ficou mais rápida e fácil com o desenvolvimento da tecnologia, dos computadores e dos dispositivos móveis (celulares e *tablets*), assim facilitando o acesso a um sistema global de redes que conectam usuários de toda parte do mundo à internet.

Esse bombardeamento midiático de consumo e de uma aparente felicidade que recebemos reflete na vida, na necessidade de fazer várias tarefas ao mesmo tempo, para atingir nossos objetivos e os que a sociedade contemporânea nos impõe. E quando não conseguimos atingir esses objetivos sentimos frustrações que acabam refletindo na saúde e nos laços familiares. Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman¹⁶ (1925 – 2017), isso que está acontecendo hoje foi provocado pelo aceleração do capitalismo ao longo das décadas, ocasionando o derretimento das estruturas sólidas, herdadas da sociedade tradicional do século XIX (BAUMAN, 2001). Segundo o autor, estamos vivendo na atualidade uma modernidade líquida, o derretimento das relações familiares e coletivas, e nos tornando cada vez mais individualistas e consumistas.

A liquefação das estruturas sólidas do passado contribui para a formação dos excessos da vida contemporânea. Segundo o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han¹⁷, estamos vivendo no século XXI “(...) o plural coletivo da afirmação Yes, we can¹⁸ expressa

¹⁶ Zygmunt Bauman – Sociólogo e filósofo polonês, autor de diversos livros que fala da atual conjuntura da sociedade contemporânea, um dos livros mais importantes é o Modernidade Líquida.

¹⁷ Filósofo nascido na Coreia do Sul emigrado para a Alemanha, escreveu diversos livros falando da sociedade atual incluindo o livro Sociedade do Cansaço.

¹⁸ Sim, nós podemos.

o caráter de positividade da sociedade de desempenho” (HAN, 2017, p. 24). A positividade representada pelo capitalismo dá uma falsa liberdade, que motiva o sujeito a se auto explorar, a abraçar várias funções para se sentir bem consigo mesmo e com a sociedade. Os excessos de positividade e de auto-exploração levam o indivíduo ao cansaço e a um colapso mental. E os problemas psicológicos também chegam às pessoas que não atingem suas metas, causando frustração. Nos dois extremos as doenças neuronais vêm causando depressão, déficit de atenção, hiperatividade e outras (HAN, 2017). Han aponta formas para combater essa epidemia, seguindo os pensamentos de filósofos como o do Nietzsche¹⁹ (1844 – 1900). O medicamento seria “(...) aprender a ver significa ‘habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si’, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento” (2017, p. 51). Segundo o autor, precisamos reaprender a dizer não a reagir aos excessivos estímulos provocados pela sociedade do desempenho. Precisamos nos dar um tempo para ver o que está em nosso entorno; contemplar seria a chave para diminuir a demasia e a liquefação da sociedade em um mundo que o capitalismo acelera; onde o único objetivo é o lucro.

No trabalho, no meio acadêmico, nas redes sociais, vivemos para atingir metas e status social, tudo integrado a um sistema capitalista que massifica a subjetivação da sociedade e assinala somente o caminho para o consumo. Segundo o filósofo Félix Guattari (1930 – 1992), no livro *As três ecologias*, o *Capitalismo Mundial Integrado* (CMI) se amparou na tecnologia para chegar ao auge e controlar todas as estruturas de produção.

Capitalismo Mundial Integrado (CMI) tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas de

¹⁹ Friedrich Nietzsche – Filósofo nascido na atual Alemanha.

signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc (GUATTARI, 2001, p. 31).

Para Guattari, há uma maneira de lutar contra a massificação da subjetividade pelo capitalismo e retomar a singularidade do indivíduo ou coletiva, seria com a “ecossófia mental”, ela

(...) será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma²⁰, com o tempo que passa, com os mistérios da vida e da morte. Ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens etc. (GUATTARI, 2001, p. 16).

Guattari continua a dar pistas para essa retomada da singularidade que não será por um meio “caduco científico” do profissional da “psi” e, sim, aproximar-se-á mais da habilidade do artista. As microintervenções urbanas seriam como doses homeopáticas dos artistas que exploram o espaço urbano para retomada da singular subjetividade do sujeito e da sociedade em frente à mídia do Capitalismo Mundial Integrado (CMI).

Com tanto excesso de informação e de imagens no mundo de hoje, será que temos tempo para contemplar a cidade? E quando temos tempo, será que estamos dispostos a olhar? São algumas perguntas que faço para poder compreender o que afeta a nossa percepção na atualidade. Aos poucos vamos deixando de olhar as paisagens que se formam na cidade. Acredito que na correria do nosso dia a dia e com o mau uso dos dispositivos de informação, como os celulares, e imagens que dispomos em nossas mãos, deixamos de enxergar as coisas simples, como olhar para a cidade pulsante e que pede para ser vivida. Com a rotina e com o passar do tempo, nosso olhar já não se fixa mais na

²⁰ O autor refere-se a “fantasma” inconsciente, no sentido psicanalítico. (N.R)

urbe. Talvez para perceber a cidade novamente seja necessário entrar em um devir estrangeiro, um olhar de estrangeiro (PEIXOTO, 1988) que acaba de chegar e não conhece nada, tudo é novidade e sair pela urbe sem pressa pode despertar novos lugares, percepções e sentimentos.

Como sair dessa rotina e do fluxo em que vivemos hoje? Encontrei na fotografia a resposta, de poder olhar para cidade e os seus transeuntes, de sair dessa agitação da urbe e entrar em um estado de observação, como fazia Guy Debord (1931 – 1994) percussor dos Situacionistas²¹. Debord construiu através de suas derivas na cidade de Paris cartografias, uma das mais famosas foi a obra *The Naked City* (figura 5) que se tornou um dos símbolos do Situacionista. O trabalho foi produzido com recortes do mapa de Paris. Debord organizou e colou os fragmentos da cidade conforme a sua afetividade por cada local, criando um mapa subjetivo. As setas em vermelho representam as várias possibilidades de deriva nesse espaço (JACQUES 2003).

²¹ Situacionistas foi um grupo formado no final da década 1960, os participantes do grupo produziam regras de jogos para interagir de forma “lúdica e espontânea” (CARERI, 2013) na cidade. “Jogar significa sair deliberadamente das regras e inventar as próprias regras, libertar a atividade criativa das constrações socioculturais, projetar ações estéticas e revolucionárias que ajam contra o controle social” (CARERI, 2013, p. 97), era uma forma de opor a uma cidade burguesa.

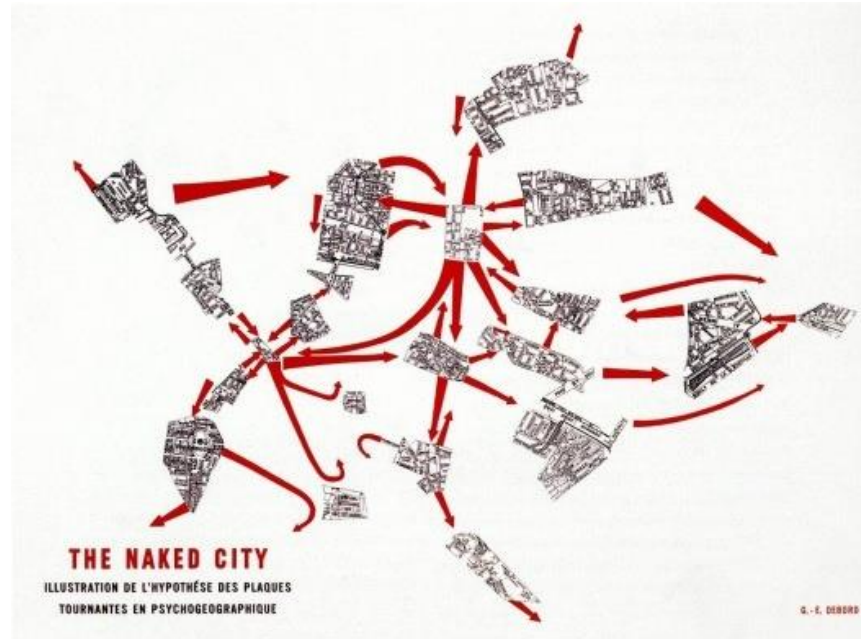


Figura 5 - Guy Debord, The Naked City, 1957. Fonte:
<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.176/5458>

Somente observar e fotografar os transeuntes no cotidiano da urbe não era suficiente, precisava dar sentido para as imagens capturadas, como Guy Debord fez com suas derivações no espaço urbano de Paris. Com o passar dos meses, novas leituras iam incorporando a pesquisa. Foi quando surgiu o livro de Italo Calvino, ele trouxe pistas que possibilitaram uma nova maneira de perceber e imaginar as fotografias que estava realizando na cidade.

O caminhar nas cidades imaginadas



Encontrei no percurso da pesquisa novas maneiras de olhar para a cidade, as pistas foram descobertas nas urbes de Italo Calvino, no livro *As Cidades Invisíveis*. Nele o autor narra a história do imperador dos tártaros Kublai Khan, detentor de um vasto território conquistado, que, sem poder explorá-lo em virtude dos compromissos do império, Khan pede a seus diplomatas, após longas viagens, para descreverem as cidades visitadas.

O imperador mongol fica encantado com as narrativas de um jovem estrangeiro Marco Polo, com seus gestos e detalhes para retratar o que tinha visto e vivenciado. As histórias contadas pelo veneziano são tão fascinantes que há momentos nos quais Khan sente que é transportado para essas cidades. As palavras de Polo relatam cidades extraordinárias e intensas que, às vezes, o grande imperador desconfia que elas não existam e que façam parte de sua imaginação.

No livro, Calvino conta histórias de 55 cidades imaginadas, utilizando fragmentos da experiência no espaço urbano para construí-las. Suas cidades têm o poder de reativar imagens, lembranças e sentimentos vivenciados na cidade em que moro. Através do seu livro, encontrei novas possibilidades de pensar e perceber a pesquisa poética, e de imaginar a cidade junto ao fluxo dos seus transeuntes.

Todas as cidades contidas no livro de Calvino têm algo em comum, os habitantes. Personificados como viajantes, soldados, aventureiros, pobres, ricos, jovens e idosos, os transeuntes em seus fluxos movimentam a história de cada cidade. As fotografias que realizo têm o fluxo dos pedestres no espaço urbano. Michel Certeau, em seu livro *A Invenção do cotidiano*, relata sua experiência em meio aos pedestres, “(...) aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores

ou de espectadores” (1998, p. 170). Certeau, então no alto do World Trade Center contemplando a cidade, tem uma visão ampla de Nova York, e começa a observar a multidão, imagina nesta prática do cotidiano da urbe um grande texto efêmero sendo escrito e reescrito, dia após dia, pelo caminhar dos transeuntes. Para Certeau, a ação de caminhar é uma fala dos pedestres em meio ao espaço urbano, “(...) o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos” (1998, p. 177). Como posso escutar a fala do caminhar no espaço urbano? Para ouvir o caminhar dos pedestres comecei a prestar atenção no meu próprio deslocamento na cidade, e a partir dele observar nos fluxos onde ocorreriam as falas mais intensas. Nesse transitar encontrei horários e datas comemorativas que permitissem em outro momento retornar e fotografar essa enunciação urbana.

A escrita das minhas cidades é formada por personagens anônimos, seus passos são como palavras efêmeras. Pessoas que escrevem nas ruas, nas calçadas, na praça e no cemitério a sua existência. O caminhar são linhas que se formam e que se apagam no espaço da cidade. A fotografia e o caminhar são duas formas diferentes de escrever a cidade, mas juntas constroem novas narrativas.

A fotografia é uma escrita feita por raios luminosos, a luz viaja de uma fonte luminosa e chega ao objeto e esse a reflete, a câmera recebe esses raios. Primeiro a luz passa pela lente e a cortina do obturador abre e ela atinge e sensibiliza o sensor da câmera, formando assim uma imagem. Quando estou fotografando, cada pessoa que passa em frente à lente deixa um rastro luminoso. Fotografo um fragmento de linha dos textos que elas produzem na urbe. As suas “palavras corporais” são transformadas em outras

narrativas no meu imaginário, fazendo parte de uma ficção. A cidade de Pelotas é transformada em outras cidades.

As Cidades Invisíveis de Calvino têm uma forte relação com o viajante, com o aventureiro e com o desbravador, que viaja por quilômetros, por terras ou milhas sobre o mar, para encontrar novas aventuras e histórias sobre as cidades desconhecidas. A minha viagem tem início no bairro Fragata, local onde moro a mais de quatro décadas, considerado por aqueles que o habitam como um verdadeiro “*Bairro Cidade*”, uma cidade dentro de Pelotas (figura 6).

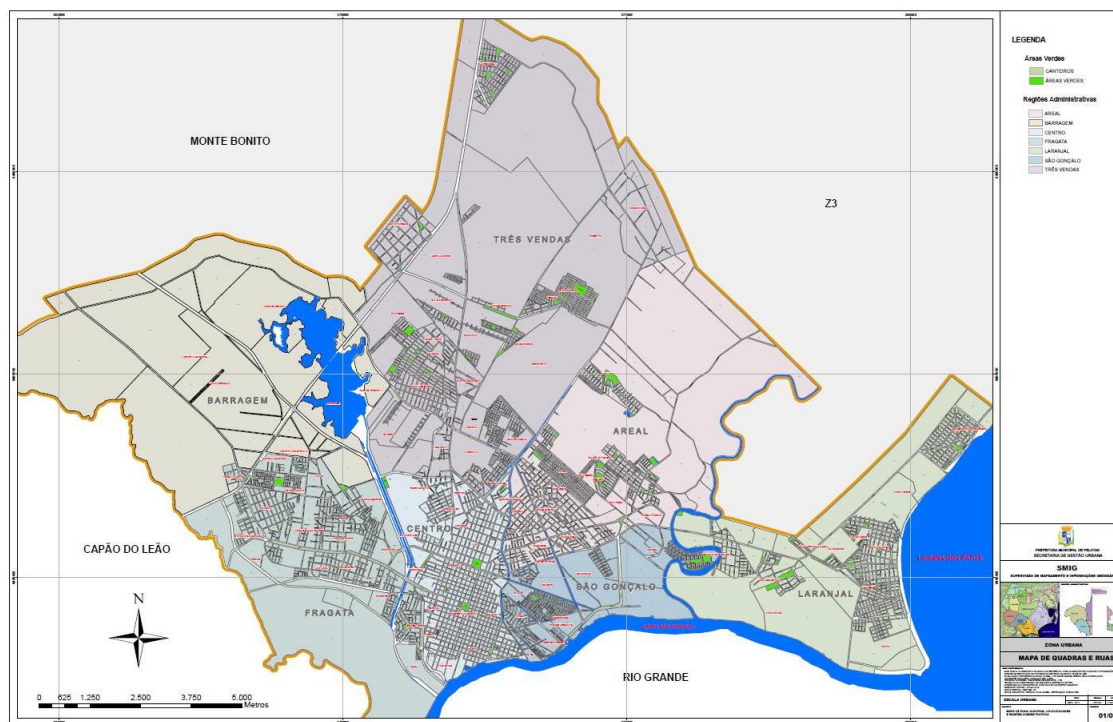


Figura 6 - Mapa da cidade de Pelotas – Fonte: <http://server.pelotas.com.br/servicos/cidadao/mapa-urbano/>

Durante a pesquisa, percebi que faço parte de uma grande tripulação, a palavra que dá o nome ao bairro e remete a um navio. Fiquei interessado pelo assunto da origem do seu nome. Primeiro procurei o seu significado no dicionário, nele diz: antigo navio de três mastros de marinha de guerra²², e essa descrição trouxe lembranças de um desenho antigo que faz parte do acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo²³, com as mesmas características descritas no dicionário (figura 7).



Figura 7 - Antoine Alexandre Auguste Frémy, sem título, grafite sobre madeira, 30 x 44cm, 1857. Fonte: Catálogo Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

²² www.dicio.com.br acessado em 16/03/19.

²³ Entre os anos de 2014 e 2017 fui voluntário para fotografar o acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

Não ficando satisfeito, fui atrás da história da origem do nome do bairro. Encontrei em um trabalho acadêmico realizado por Elisabete Porto de Oliveira²⁴, e, na sua pesquisa ela comenta acontecimentos históricos e narrativas de moradores que poderiam ter influenciado na origem do nome dado ao bairro. Segundo Oliveira (apud MAGALHÃES, 2000), o proprietário da Charqueada às margens do arroio Fragata, o senhor Antônio Francisco dos Anjos recebeu a alcunha diminutiva de Fragatinha, por ter o mesmo nome do seu pai e contramestre de navios, o “ (...) apelido acabou dando origem ao nome do arroio e consequentemente a todo um arrabalde, conhecido como bairro Fragata” (OLIVEIRA, 2007, p. 11).

Outros fatos podem ter contribuído para nome do bairro, mas, de acordo com a autora, os comentários dos moradores não possuem nenhum documento que confirmasse a veracidade das suas histórias. Uma delas é de que uma Fragata afundou no arroio, dando nome a ele e, posteriormente ao bairro. Outra versão é sobre o senhor Antônio dos Anjos que poderia ter o apelido de Fragatim, “nome dado à pequena embarcação com dois mastros, sendo viável sua navegação pelo arroio Fragata e, como as terras eram muito extensas, deu-se o nome de Fragata” (OLIVEIRA, 2007, p. 12). Após a procura da origem do nome do bairro, percebi a conexão com outros trabalhos que desenvolvi na graduação, já comentado aqui na dissertação, o elemento água que estava lá na pintura, na gota que escorria pelo suporte e nas poças d’água, surge agora no fluir do passado do arroio.

²⁴ Curso de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas – Especialização em Patrimônio Cultural – Título da pesquisa: VIAGEM NA MEMÓRIA DO FRAGATA: ESTUDO SOBRE A HISTÓRIA E CULTURA DE UM “BAIRRO CIDADE”.

A embarcação *Fragata* nos seus deslocamentos sobre o arroio possibilitou o desenvolvimento da região e o surgimento de um “*Bairro Cidade*”, e serviu como um ponto de partida para construir um mapa subjetivo e descobrir além do meu “*Bairro Cidade*” novas cidades dentro de Pelotas. O mapa com todas as cidades encontradas está exposto no final da pesquisa.

Moro neste grande navio cheio de tripulantes, cada um navegando atrás de seus sonhos. Sou comandante da *Fragata* existencial das minhas aventuras e do meu fotografar na cidade. Então saio a explorar, como Marco Polo partiu da Itália e aventurou-se em terras desconhecidas até chegar à China antiga. Para Fabio La Rocca²⁵:

A experiência de uma exploração da cidade se define, portanto, como uma aventura. É descobrir e compreender, olhar e observar: uma imersão total. Essa imersão nos arcanos da vida urbana cotidiana provém de uma abordagem sensível apta a descrever os “imperativos atmosféricos”, os ritmos sucessivos e as realidades modificáveis da cidade (2018, p. 11).

Portanto, para explorar na cidade o fluxo dos habitantes, parti do bairro que moro, aproveitei os deslocamentos que realizei para olhar a urbe, o seu cotidiano e encontrar nos ritmos dos transeuntes o material necessário para construir o mapa das cidades imaginadas. Os antigos comandantes das *Fragatas* utilizavam instrumentos como a bússola para se localizar, na pesquisa utilizei o meu trajeto para me orientar pelas ruas da urbe. Com o auxílio da fotografia, abri as escotilhas da minha *Fragata* para imaginar e descobrir novas cidades dentro de Pelotas.

²⁵ Autor do livro - A cidade em todas as suas formas.

Pelotas e suas cidades invisíveis



Comecei a refletir sobre o desdobramento da pesquisa a partir do local que cresci e moro, o bairro Fragata, um dos mais populosos da cidade de Pelotas, com mais de cem mil habitantes²⁶. Ao longo do tempo sempre escutei de familiares e moradores que o bairro era uma verdadeira cidade, porque nele tem tudo que uma cidade precisa para existir. Essa história foi passando de uma pessoa para outra, contagiando e criando um imaginário coletivo dos habitantes, e indo além, chegando aos moradores de outros bairros. O Fragata ficou conhecido na cidade de Pelotas como *Bairro Cidade*, e esse apelido foi enraizando na cultura da urbe. A sua alcunha pode ser vista em uma simples pesquisa no *Google*, onde coloquei Fragata – bairro cidade, e encontrei uma matéria de um jornal²⁷ local com a manchete Fragata: Bairro Cidade ganhará cartórios (figura 8).



Figura 8 - Manchete de um jornal local. Fonte: Jornal Diário da Manhã.

²⁶ Fonte: <http://diariodamanhapelotas.com.br/site/bairro-fragata-assembleia-aprova-criacao-de-tabelionato/>

²⁷ Jornal Diário da Manhã – <http://diariodamanhapelotas.com.br/site/fragata-bairro-cidade-ganhara-cartorios/> acessado em 18/06/2019.

A junção das cidades de Calvino com o imaginário do meu bairro me fez pensar se era possível encontrar dentro de Pelotas outras cidades, e a partir desses encontros criar outras narrativas junto aos transeuntes que movimentam essas paisagens. A fotografia foi o principal suporte para registrar as novas urbes.

Saí pela cidade com a minha câmera em direção aos fluxos dos transeuntes, no caminhar senti uma mistura de dois personagens, um do conto *Um homem da multidão*, de Edgar Allan Poe (1809 - 1849), e o outro a figura de um *flâneur* personagem escrito nas obras do poeta Charles Baudelaire (1821 - 1867).

No conto de Edgar Allan Poe, o personagem principal estava lendo um jornal e ao mesmo tempo olhando pela janela a movimentação dos transeuntes. Em certo ponto da narrativa, fica só a contemplar e a descrever as pessoas que ali estavam presentes. A noite chega e ele continua a relatar a aparência dos indivíduos, até que em um momento fica fascinado por um rosto em meio aos outros, “(...) subitamente, deparei com um semblante (o de um velho decrepito, de uns sessenta e cinco anos de idade), um semblante que de imediato se impôs fortemente à minha atenção, dada a absoluta idiossincrasia de sua expressão” (POE, 2017, p. 385).

O velho desaparece, contagiado por uma euforia em saber mais sobre a história do senhor, veste às pressas as roupas, pega a bengala e sai na rua à sua procura. Quando o encontra, começa a observar de longe e notar algo anormal no deslocamento do velho. O senhor, quando encontrava a multidão, diminuía a velocidade dos seus passos e caminhava horas no meio desse fluxo; quando os passantes dispersavam, ele saía apressadamente para encontrar outro aglomerado de pessoas. Quando não encontrava, sua fisionomia

mudava e a agitação aumentava. E essa anormalidade durou toda a noite e um dia, e quando estava próximo de chegar à noite seguinte, desiste de ir atrás do senhor,

(...) aborreci-me mortalmente e, detendo-me bem em frente do velho, olhei-lhe fixamente o rosto. Ele não deu conta de mim, mas continuou a andar, enquanto eu, desistindo da perseguição, fiquei absorvido vendo-o afastar-se. “Este velho”, disse comigo, por fim, “é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa-se a estar só. É o homem da multidão (POE, 2017, p. 392).

Esse velho descrito no conto não quer ficar só, gosta de estar no meio do fluxo dos transeuntes se sente protegido e, ao mesmo tempo, solitário.

O outro personagem está nas narrativas de Walter Benjamin (1892 - 1940). Benjamin estudou as obras de Charles Baudelaire e apresentou ensaios sobre a figura do *flâneur*. Esse personagem surge na cidade de Paris do século XIX, em plena Revolução Industrial, uma cidade em forte crescimento e transformação social. Todos esses elementos reunidos proporcionaram o surgimento do espaço urbano moderno. É nesse novo ambiente que aparece a figura descrita por Baudelaire, o *flâneur*. Ele fica observando e analisando a multidão e, “através de suas andanças, ele transforma a cidade em um espaço para ser lido, um objeto de investigação, uma floresta de signos a serem decodificados – em suma, um texto” (MASSAGLI, 2008, p. 57).

Para criar as minhas cidades, precisava estar atrás dos transeuntes como no conto do *Um homem da multidão*, para saber os locais, horários e as datas que iriam acontecer os fluxos mais intensos e quando encontro, e assim sou absorvido pelos passantes, sou mais um indivíduo solitário e protegido em meio às pessoas. A figura do *flâneur* surge na montagem do equipamento fotográfico. Nesse momento começo a observar os passantes,

a analisar o espaço, a sentir o melhor momento para iniciar a fotografar, escrever através da câmera as urbes que vão se formando nos fluxos dos transeuntes na cidade.

Cidade das Pessoas Invisíveis



Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se veem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam.

Passa uma moça balançando uma sombrinha apoiada no ombro, e um pouco das ancas, também. Passa uma mulher vestida de preto que demonstra toda a sua idade, com os olhos inquietos debaixo do véu e os lábios tremulantes. Passa um gigante tatuado; um homem jovem com os cabelos brancos; uma anã; duas gêmeas vestidas de coral. Corre alguma coisa entre eles, uma troca de olhares como se fossem linhas que ligam uma figura à outra e desenhavam flechas, estrelas, triângulos, até esgotar num instante todas as combinações possíveis, e outras personagens entram em cena: um cego com um guepardo na coleira, uma cortesã com um leque de penas de avestruz, um efebo, uma mulher-canhão. Assim, entre aqueles que por acaso procuram abrigo da chuva sob o pórtico, ou aglomeram-se sob uma tenda do bazar, ou param para ouvir a banda na praça, consumam-se encontros, seduições, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, sem que se toque um dedo, quase sem levantar os olhos.

Existe uma contínua vibração luxuriosa em Cloé, a mais casta das cidades. Se os homens e as mulheres comessem a viver os seus sonhos efêmeros, todos os fantasmas se tornariam reais e começaria uma história de perseguições, de ficções, de desentendimentos, de choques, de opressões, e o carrossel das fantasias teria fim.

Cidade de Cloé - Italo Calvino

A primeira cidade encontrada foi a *Cidade das Pessoas Invisíveis*. Deparei-me com ela por acaso no centro de Pelotas. Estava eu na Praça Coronel Pedro Osório, em frente ao chafariz, com a intenção de fotografar os fluxos dos transeuntes, cheguei cedo, preparei o equipamento – coloquei o tripé e em seguida a câmera, depois conectei o disparador, fiz o enquadramento com intenção de pegar só uma parte dos degraus que levam ao chafariz, o objetivo era as passagens dos pedestres e não a *Fonte das Nereidas*²⁸.

Antes de começar a fotografar, um personagem dessa cidade veio conversar comigo e, com o semblante sereno perguntou se estava atrapalhando, disse que não e que ele poderia seguir com o seu trabalho, que era de limpar a praça. Conversamos um pouco e ele me perguntou o que estava fazendo, disse que era um trabalho autoral e estava fotografando os fluxos das pessoas em meio à cidade.

Em seguida ele voltou para sua atividade, aí que comecei a fotografar. Fiz uma sequência de imagens com a baixa velocidade²⁹. Realizei umas dez fotografias do deslocamento do gari em meio à praça, selecionei quatro para fazer as camadas no Photoshop.

Na atualidade, temos à disposição software para fazer a manipulação nas imagens, como recorte, sobreposições, alteração de cores etc. Mas precisamos ter consciência de que algumas dessas técnicas já eram utilizadas manualmente por fotógrafos do passado. A pós-produção de imagens surgiu logo após Joseph Niépce (1765 – 1833) conseguir fixar

²⁸ Fonte das Nereidas – Fabricada na França, instalada na Praça Coronel Pedro Osório em 25 de julho de 1873. Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas.

²⁹ Baixa velocidade ou velocidade do obturador – “(...) controla o tempo em que a luz pode atravessar a lente em direção ao sensor.” (REVELL, 2012, p. 6)

a imagem em uma chapa. As primeiras manipulações fotográficas surgiram por acaso, segundo Fernandes,

(...) por acidentes de revelação que fizeram com que imagens de negativos distintos aparecessem inesperadamente na mesma fotografia – sobretudo devido a más lavagens das placas de colóquio. Estes acidentes começaram então a ser explorados de modo a se conseguir manipular intencionalmente a composição de vários negativos para formar uma nova produção, uma nova fotografia a revelar. As técnicas eram próximas: fotomontagens através de recortes, de superexposição, de sobreimpressão, da repetição do mesmo negativo, da dupla impressão ou da combinação vários destes processos (2012, p. 41).

Essas descobertas que surgiram ao acaso começaram a ser exploradas pelos fotógrafos do século XIX, que queriam dar à fotografia o mesmo status dado à pintura, esse conceito defendido pelos participantes do Pictorialismo³⁰. Oscar Gustave Rejlander (1813 - 1875) foi um dos principais nomes do movimento, ele explorava ao limite a técnica de fotomontagem. Na obra *Os dois caminhos da vida* (figura 9), Rejlander utilizou 30 negativos diferentes para compor o trabalho. Inúmeras técnicas que os fotógrafos realizam hoje, nos programas de edição de imagem, são herdadas do passado. Como um simples recortar e colar feito em minutos, no século XIX deveria exigir uma grande perícia dos artistas para atingir a perfeição, como no quadro de Rejlander.

³⁰ - Pictorialismo – Movimento que surgiu na década de 1880, e foi até 1910.

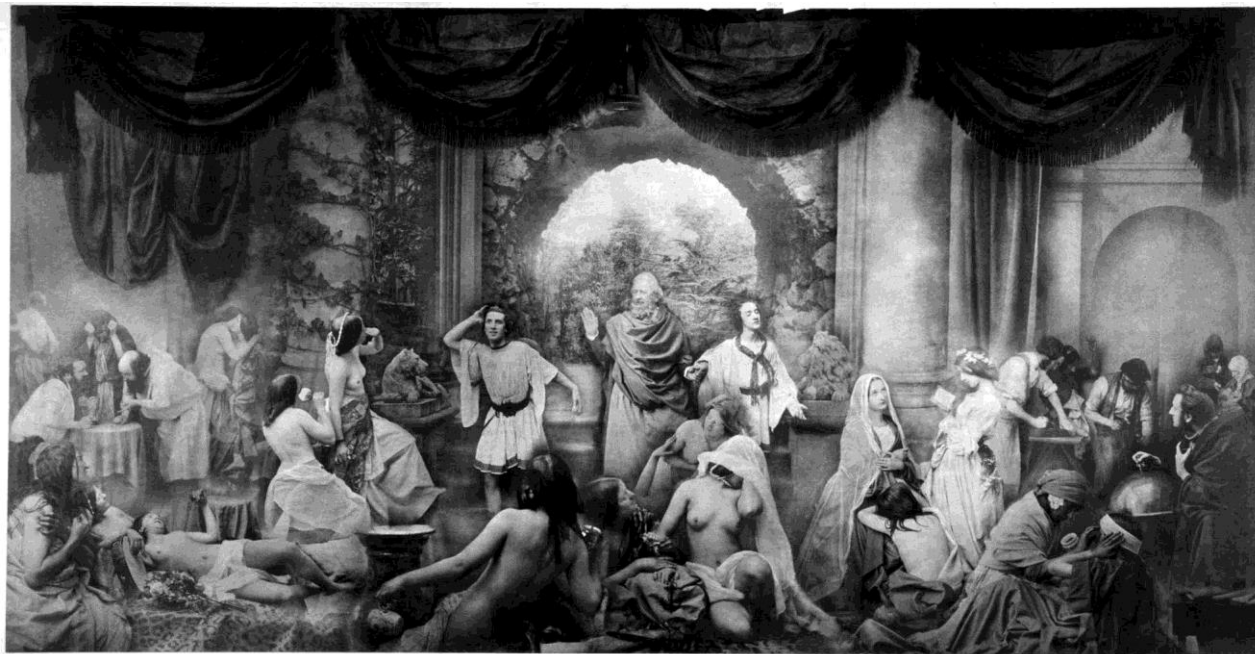


Figura 9 - Oscar Gustave Rejlander, fotografia, Os dois caminhos da vida, 79 x 40 cm, 1857. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Oscar-gustave-rejlander_two_ways_of_life.jpg

Na montagem da fotografia do gari (figura 10), o resultado mostra uma das pessoas invisíveis da cidade, que o nosso olhar atravessa no dia a dia. Semelhante aos personagens da cidade Cloé, de Calvino, nela “(...) ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam” (2017, p. 51). No cotidiano acelerado em que vivemos hoje, os olhares nem se encontram, não percebemos ninguém, assim como também não somos percebidos. Os excessos da vida contemporânea, como citado anteriormente, faz com que aceleremos o nosso transitar no centro da cidade, para conseguir fazer todas as tarefas que o dia exige.

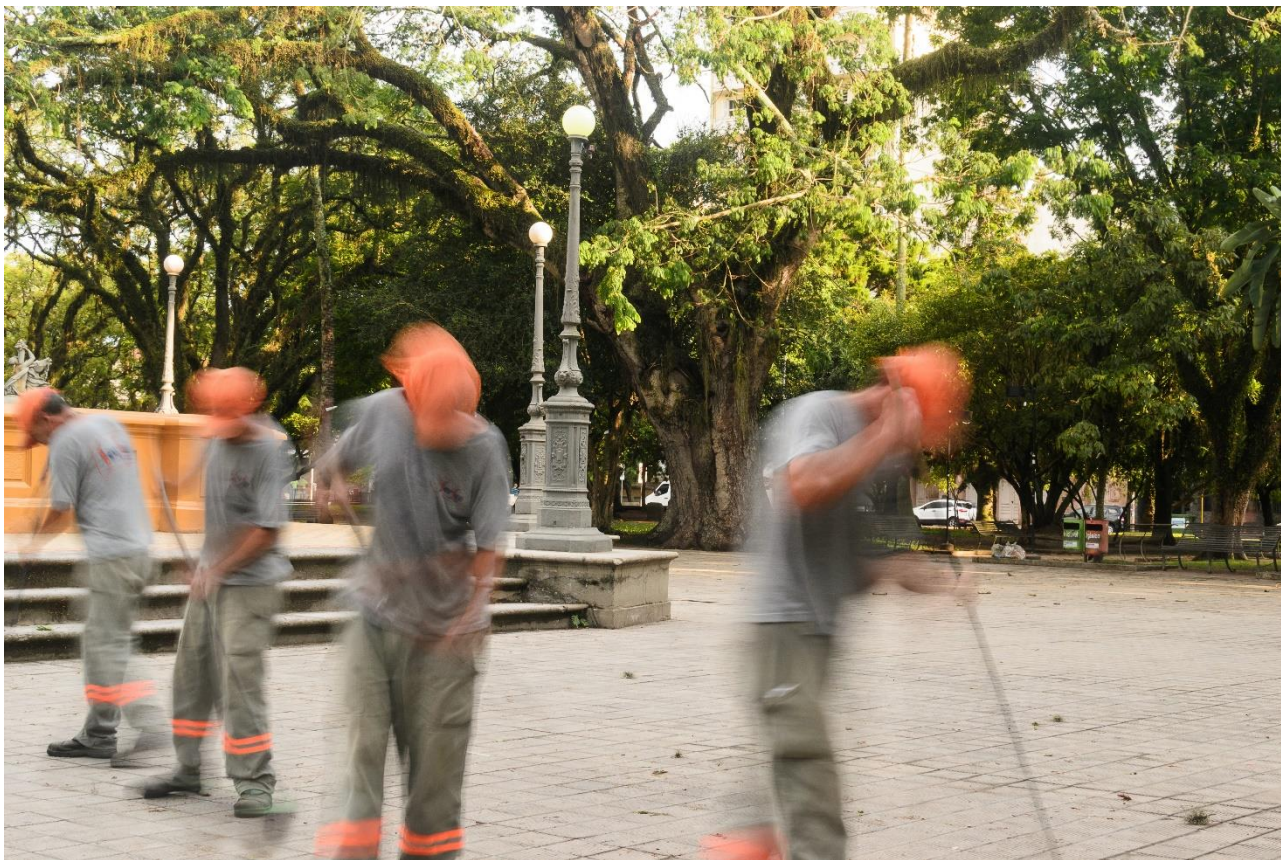


Figura 10 - Daniel Moura, fotografia digital, Cidade das Pessoas Invisíveis, 2018.

Voltarei um pouco para a infância, em um tempo que passava as férias escolares no interior de Canguçu. Uma época em que saía com meu avô e tios de carroça para ir ao armazém comprar mantimentos para casa. Nesse trajeto ninguém era invisível, todas as pessoas que passavam por nós, sendo conhecidos ou não, eram cumprimentados, e vice-versa. Sei que isso é quase impossível de ser realizado em uma cidade, seria estranho. As pessoas perderam esse hábito até com os vizinhos que são mais próximos, não seria diferente com funcionários da limpeza pública, como os garis. Guattari comenta as relações de parentescos e vizinhanças, de que a cada dia os laços ficam mais reduzidos em função de uma sociedade midiática e de consumo.

As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente “ossificada” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão... (2001, p. 7).

As relações mais próximas estão sendo perdidas com a pressa da vida contemporânea. No meio da cidade, os nossos olhares atarefados tornam as pessoas invisíveis.

Na exposição Tempo de Resistência³¹ tive a oportunidade de dar visibilidade ao personagem da *Cidade das Pessoas Invisíveis* (figura 11). Para essa exposição, segui o conselho da banca de qualificação de evitar o uso de programa de manipulação de imagens e procurar ser mais autêntico com o ato de fotografar, então o trabalho ganhou uma nova maneira de ser apresentado. As quatro fotografias no tamanho 10 x 15 cm foram colocadas

³¹ Exposição que fazia parte da programação do VII SPMÁV mostrando trabalhos realizados pelos alunos do mestrado.

em um quadro, uma do lado da outra, para mostrar o fluxo da limpeza da praça de uma maneira linear (figura 12). Uma narrativa da história que presenciei na referida cidade.

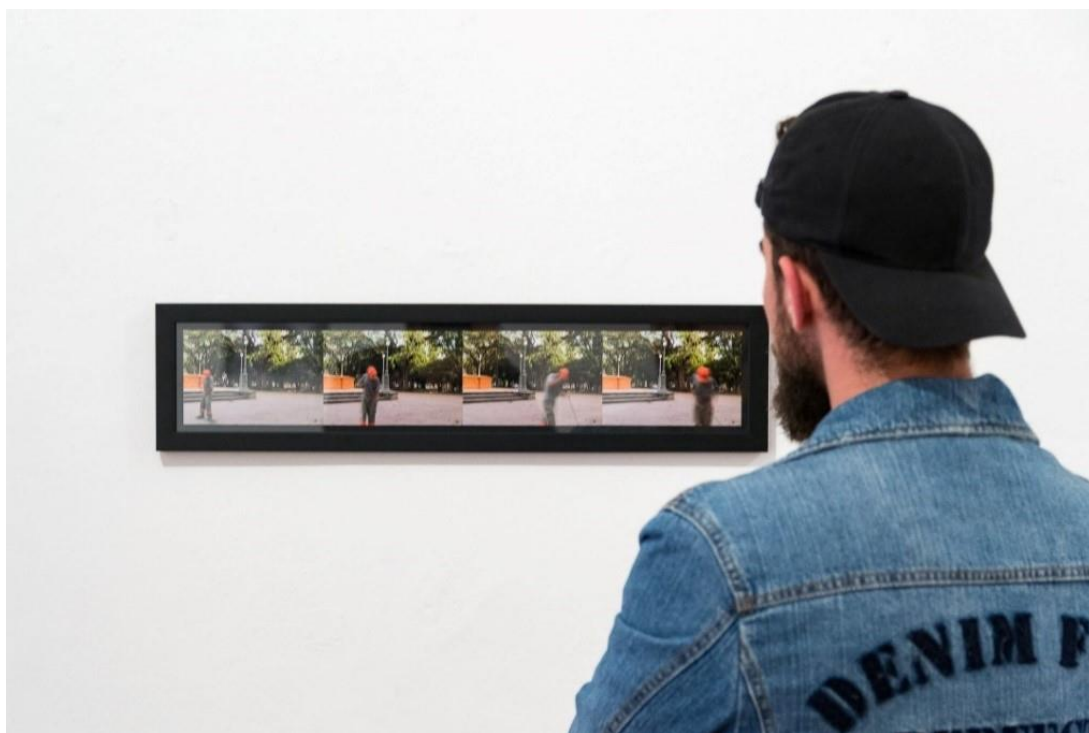


Figura 11 - Daniel Moura, Fotografia digital, Cidade das Pessoas Invisíveis - Gari, papel fotográfico, 16 cm x 66 cm, 2018.



Figura 12 - Daniel Moura, Fotografia digital, Cidade das Pessoas Invisíveis – Gari, 2018.

Depois da *Cidades das Pessoas Invisíveis*, que encontrei por acaso no meio do centro de Pelotas, comecei a pensar nas próximas urbes. Embarquei na minha Fragata para observar novamente o meu deslocamento, e nele desbravar o mar de ruas para descobrir a segunda cidade invisível dentro de Pelotas.

Bairro Cidade



O homem que cavalga longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade. Finalmente, chega-se a Isidora, cidade onde palácios têm escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos, onde se fabricam à perfeição binóculos e violinos, onde quando um estrangeiro está incerto entre duas mulheres sempre encontra a terceira, onde as brigas de galo se degeneram em lutas sanguinosas entre os apostadores. Ele pensava em todas essas coisas quando desejava uma cidade. Isidora, portanto, é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que veem a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações.

Cidade de Isidora - Italo Calvino

O *Bairro Cidade* foi a segunda cidade encontrada dentro do mar de ruas de Pelotas, a ilha da minha existência. Começo a descrevê-la seguindo o conselho de Yi-Fu Tuan, olhando para as minhas experiências no bairro. Segundo o autor,

(...) quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência (1983, p. 20,21).

Sair e ver de fora proporciona ver melhor, conhecer melhor e relembrar os acontecimentos no meu bairro. A pesquisa poética teve início no momento que deixei de olhar para os reflexos nas poças d'água e voltar a olhar para o horizonte e encontrar nele as pessoas que transitam a pé e habitam o espaço urbano. Através das minhas andanças no final de tarde, no bairro Fragata, comecei a observar o fluxo dos pedestres. Pessoas de todas as idades indo e vindo em seus afazeres no cotidiano do meu bairro.

Neste momento em que escrevo sinto que estou na cidade de Isidora de Calvino, sentado junto aos velhos, olhando sobre o murinho, só que estou contemplando o *Bairro Cidade*, lembrando as memórias que me “possuía jovem”. Especialmente a Avenida Duque de Caxias, que corta o bairro e o liga ao centro de Pelotas. No meio dela tem uma pista para pedestres e ciclistas e nesses quarenta e poucos anos já fiz diversos deslocamentos, caminhando, correndo de chinelo, de tênis, de coturno e de bicicleta (no momento que escrevo, passa na mente um filme dessas lembranças). Outras experiências vêm à tona: como a da infância, quando ia à feira de hortifrúti que ocorre todas as segundas na avenida, com produtos trazidos da colônia de Pelotas. A feira montada cedo pela manhã e antes das duas da tarde era desmontada. Para Yi-Fu Tuan “(...) os acontecimentos simples podem com o tempo, transformarem-se em um sentimento profundo pelo lugar” (1983, p. 158).

Conforme o tempo vai passando, os momentos vividos no bairro vão se enraizando na memória, criando assim um laço profundo de carinho e respeito pelo território existencial.

Queria, de alguma maneira, expressar os sentimentos que tenho pelo *Bairro Cidade*, então resolvi realizar um vídeo, com várias imagens fotográficas obtidas do mesmo enquadramento, mostrando o fluxo dos habitantes em meio ao bairro. No decorrer da pesquisa, foram surgindo novas leituras e pensamentos, e o vídeo foi se adaptando. E com a oportunidade de expor esse material em uma galeria de arte de Pelotas, o trabalho também foi se adequando a novas formas de apresentação e de suporte. Para explicar melhor esse percurso, construí um gráfico para mostrar a trajetória das fotografias realizadas no *Bairro Cidade* (figura 13). A imagem ampliada do quadro pode ser encontrada na figura número 25.

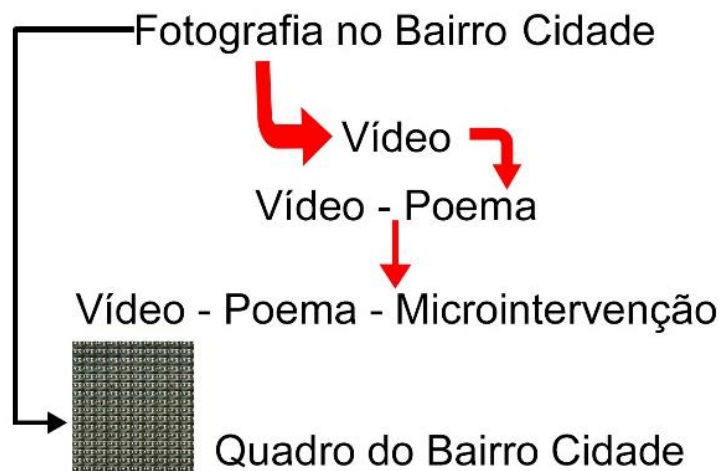


Figura 13 - Gráfico do percurso das fotografias do Bairro Cidade.

As fotografias obtidas na Avenida Duque de Caxias deram origem ao vídeo com a técnica *time-lapse*. As experiências vivenciadas no local foram formando uma junção com os novos encontros durante a pesquisa. Como mostrarei no subcapítulo a seguir, o vídeo foi incorporando pensamentos de autores e o modo de olhar e descrever a simplicidade da vida, com os poemas de Manoel de Barros. Com o tempo e com alguns percalços, o material participou de uma microintervenção urbana junto com os alunos da disciplina do mestrado *Poéticas Audiovisuais Dispositivos Ecosóficos*³². O vídeo foi projetado na fachada de um importante prédio da cidade de Pelotas, o MALG.

³² Disciplina ministrada pelo professor Cláudio Azevedo.

Time-lapse: Sampleamentos poéticos do cotidiano

O vídeo foi constituído a partir de reflexões e dos deslocamentos realizados na Av. Duque de Caxias, localização em que transito quase diariamente. A partir desse caminhar, encontro locais possíveis a serem fotografados, lugares que possibilitam uma composição e que mostre os transeuntes realizando suas atividades, suas movimentações pelo cotidiano do bairro. Esses pontos escolhidos, ficam de certa forma, fixados no pensamento como um mapa mental. Retornei após alguns dias ao local selecionado (figura 14) com o equipamento fotográfico (câmera, tripé e um disparador automático).



Figura 14 - Pista no meio da Avenida Duque de Caxias – Ponto selecionado para realizar as fotografias – Arquivo pessoal, 2018.

O ponto escolhido fica em uma curva, perto do cemitério³³, em uma pista para pedestres e ciclistas, localizada no meio da avenida que liga o bairro ao centro da cidade, ou vice-versa. Cheguei perto das oito horas da manhã, com o intuito de realizar um *time-lapse*. Programei o disparador automático para fazer 192 fotografias em um intervalo de tempo de dez segundos entre uma foto e outra, no total ficaria neste local cerca de trinta minutos, mas não foi possível ficar o tempo pretendido por motivo de uma chuva, que ocorreu dez minutos antes de terminar a sessão. Mesmo com este imprevisto, com as imagens que foram captadas foi possível realizar o *time-lapse*.

As imagens obtidas foram importadas por um programa de edição de imagens, o Lightroom³⁴, que tem a possibilidade, através de um plugin, de exportar as fotografias em formato de vídeo. Escolhi vinte e quatro quadros por segundo, no total daria oito segundos de duração. Como a chuva não deixou ficar até completar todas as fotografias, o vídeo ficou com uma duração de seis segundos.

Pretendo agora refletir um pouco a respeito das fotografias em intervalos de tempo, sobre o corte temporal que existe entre uma imagem e outra. Quando vou para um local fotografar, determino o tempo que ficarei realizando a captura das imagens. No exemplo citado acima, fiquei vinte minutos. Vou me apropriar do conceito do sampleamento dos DJs para explicar o meu raciocínio. Nicolas Bourriaud no livro Pós-Produção, comenta sobre os DJs e o emprego do sampleamento, “(...) que consiste em isolar uma frase musical e colocá-la em circuito fechado, transferindo-a de uma cópia para outra (...)” (BOURRIAUD, 2009, p.

³³ Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula – localizado no bairro Fragata – Pelotas – RS.

³⁴ Lightroom é um programa da Adobe usado para editar fotografias.

40), e, essa apropriação resulta em uma nova música. A técnica time-lapse seria parecida com a proposta dos músicos de dar outro contexto às ondas sonoras. O tempo que permaneço fotografando, estou captando com a câmera em intervalos de segundo, os raios luminosos que emanam dos fluxos da cidade. Essa ação luminosa registrada pela câmera resulta em um material fotográfico, gerando novos formatos de apresentação do cotidiano da urbe.

Há algum tempo na graduação, nas aulas de desenho, conheci o trabalho do artista William Kentridge e percebo a influência da sua obra nos vídeos que estou realizando (figura 15). Ele usa o lapso de tempo para construir suas produções³⁵, mas com outros materiais, como um suporte, carvão, borracha e a luz do objeto que emana até o filme. O processo de Kentridge é desenhar, fotografar e apagar, e esse mecanismo vai se repetindo até terminar a obra.

O apagamento imperfeito dos sucessivos estágios de cada desenho se tornava o registro do progresso de uma ideia e da passagem do tempo. Os borrões do apagamento adensam o tempo no filme, mas são também um registro dos dias e meses gastos fazendo o filme, um registro do pensamento em câmara lenta (TONE, 2012, p. 134).

³⁵ Entrevista para San Francisco Museum of Modern Art https://www.youtube.com/watch?v=5_UphwAfjhka acessado em 08/07/2018.



Figura 15 - William Kentridge - ateliê. Fonte: Catálogo William Kentridge Fortuna.

O registro do tempo está impregnado em seus filmes. Eu, por outro lado, procuro passar nos *time-lapse* nas fotografias esse apagamento, mas em forma de um arrastamento provocado pelos fluxos dos passantes com a longa exposição. Segundo Arlindo Machado.

O obturador tem a sua própria forma de tornar visível o referente, de resto bastante diversa da forma como o olho humano vê: ele é uma fenda que se move em alta velocidade sobre a superfície do filme, expondo cada parte deste último em diferentes momentos. Não podemos nos esquecer de esse único fragmento temporal que o acaso escolheu para congelar na foto é também ele composto de infinitos outros instantes que o obturador, todavia, não sabe distinguir (MACHADO, 2015, p. 54).

Aproprio-me dessa forma de “enganar” a máquina fotográfica com o objetivo de passar, através da fotografia, a sessão de tempo que escorre em meio à cidade *Bairro Cidade*.

A fotografia em *time-lapse* permite-me por alguns minutos, ficar de fora, sair do fluxo da cidade, deixar de ser um transeunte, ele oferece a possibilidade de sentir o que está em volta, de deixar livres os sentidos para perceber e escutar a cidade. E, por um determinado tempo, ficar deslocado da agitação da vida contemporânea. Naquela manhã, logo após ter colocado o equipamento fotográfico a captar as imagens, comecei a observar as pessoas e o que estava acontecendo - umas com a pressa de chegar ao trabalho ou à escola por meio do transporte público, carros, motos, bicicletas ou simplesmente caminhando e outros realizando suas atividades físicas, jovens e idosos procurando melhorar a aparência, a saúde ou ambos. Um contraste da cidade que ocorre diariamente e faz refletir sobre esse fluxo, em que há momentos nos quais estou de um lado, na pressa, na correria de chegar no horário ou em outro no exercício de uma caminhada, em busca de melhorar a saúde.

Em outro momento, quando estava desligado da câmera, escutei os sons dos quero-queros, esses sons trouxeram lembranças do passado, passou pela minha mente imagens do campo, imagens de um tempo da infância e da adolescência, de uma época que ia aproveitar as férias da escola no interior de Canguçu/RS (figura 16), com meus avós, tios e primos. Uma época diferente, em que o tempo tinha outra forma de passar (ou a minha percepção de tempo era diferente), era mais lento, pode ser em função de não estar em contato com o “aspecto artificial” ou “intervenção do tempo natural” (VENTURELLI, 2004), quer dizer que não estava sobre a influência das tecnologias.

O movimento provocado pelos meios de transporte não tem, por exemplo, nada em comum com o movimento natural do homem. Hoje, com o nascimento do homem dito tecnológico, a velocidade passou a ser uma parte da vida do homem (VENTURELLI, 2004, p. 22).



Figura 16 - Interior de Canguçu, Daniel Moura, Arquivo pessoal, 2019.

Estava em um local onde a luz elétrica não tinha chegado ainda, o único meio de obter informações do mundo era através de um rádio à pilha, em que o meu avô gostava de escutar as notícias ao meio-dia, da Rádio Liberdade, e ela passava diariamente informações de pessoas que estavam internadas no hospital local. Nessa hora o silêncio era total, ainda mais se tivesse algum parente ou vizinho hospitalizado. Quando escutei os sons dos quero-queros e essas lembranças voltaram à tona, resolvi escrever algo daquele momento, no celular, e em um aplicativo de texto escrevi:

Sons dos quero-queros...

se misturam com o barulho da cidade;

misturam o passado com o presente;

Saí do local pensando em uma forma de “produzir subjetividades” (BOURRIAUD, 2009) nos transeuntes, de tirá-los da rotina imposta pelo capitalismo, como aconteceu comigo quando estava fotografando, e por um breve momento desacelerar o fluxo da cidade. O vídeo feito no *Bairro Cidade* mais o poema seria a chave para dar aos passantes um momento de contemplação. Levei para a reunião de orientação o fato ocorrido na AV. Duque de Caxias e os meus questionamentos. Na conversa com o orientador surgiu a ideia de retornar com o vídeo para o seu local em forma de uma microintervenção no espaço público.

Após alguns dias, lendo as poesias de Manoel de Barros (1916 - 2014), senti nas suas palavras uma afeição com as imagens e com as memórias ativadas com os sons dos quero-queros. Foi então que resolvi anexar fragmentos da sua poesia no vídeo. Os poemas de Manoel de Barros oferecem uma simplicidade nas palavras e, ao mesmo tempo nas mínimas coisas, enuncia a essência da vida. Pesquisando mais sobre o poeta, encontrei no *Youtube*³⁶ o poema *Difícil fotografar o silêncio*, declamado por Antônio Abujamra³⁷ (1932 - 2015), que carrega uma forte relação com as fotografias que produzo.

³⁶ Difícil fotografar o silêncio, declamado por Antônio Abujamra. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=vcfNNoSzBj8> acessado em 29/06/2018.

³⁷ Antônio Abujamra – Ator, diretor de teatro e apresentador – fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Abujamra acessado em 29/06/2018.

Difícil fotografar o silêncio.

Entretanto tentei. Eu conto:

Madrugada, a minha aldeia estava morta.

Não se via ou ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas. Eu estava saindo de uma festa. Eram quase quatro da manhã. Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado. Preparei minha máquina. O silêncio era um carregador?

Estava carregando o bêbado. Fotografei esse carregador.

Tive outras visões naquela madrugada. Preparei minha máquina de novo.

Tinha um perfume de jasmim no beiral do sobrado.

Fotografei o perfume. Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra. Fotografei a existência dela.

Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo. Fotografei o perdão. Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa. Fotografei o sobre. Foi difícil fotografar o sobre. Por fim eu enxerguei a nuvem de calça.

Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com Maiakoviski -- seu criador. Fotografei a nuvem de calça e o poeta. Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para cobrir sua noiva.

A foto saiu legal.

Quando visualizei o vídeo com o poema do Manoel de Barros na voz Abujamra veio à minha mente a imagem dos almoços na casa dos meus avós, quando o silêncio estava em cada garfada, em cada olhar e gesto, e percebi e recebi uma forte ligação com o poema. A poesia fala do ato de fotografar, da percepção do que pode estar além do objeto, que somente um poeta como Manuel de Barros pode perceber.

O vídeo realizado na Avenida Duque de Caxias está impregnado pelo silêncio, mas ao mesmo tempo repleto de fluxos das pessoas nos seus diferentes motivos de estar nesses deslocamentos. Quando estava fotografando, os ruídos que a cidade emitia com os sons dos quero-queros remeteram à infância, à casa dos avós e ao silêncio na hora de escutar as notícias no rádio.

O *time-lapse* produzido junto com a apropriação de fragmentos do poema de Manoel de Barros, gerou um novo vídeo. Para produzi-lo foi utilizado outro programa de edição, o Photoshop, que tem recurso de editar vídeos. Em um primeiro momento coloquei o *time-lapse* na linha do tempo do editor. Como ele tinha ficado curto (em torno de seis segundos) e precisava colocar texto com trechos do poema, repliquei-o em seis vezes. Resolvi colocar na abertura e no final do vídeo, imagens de um segundo trabalho de sobreposições de camadas de fotografias (figura 17). Neste foi feito o oposto, ou seja, com o intuito de congelar, pausar ou petrificar vários momentos em um instante. Para isso acontecer, selecionei 6 imagens das 166, que levadas ao Photoshop, foram colocadas uma em cima da outra, em forma de camadas. Logo em seguida, foram realizados ajustes na opacidade das imagens, assim revelando aos poucos a camada de baixo, no final do processo as misturas formam uma única imagem. Camadas que sobrepostas revelam o

fluxo da cidade, e, de certa forma homogeneízam as pessoas em suas atividades do cotidiano.



Figura 17 - Camadas – Daniel Moura - Processo de sobreposição de imagens para enfatizar o fluxo de tempo.

No final, o vídeo (figura 18) ficou com 51 segundos, com o fluxo da cidade e os fragmentos do poema “*Difícil fotografar o silêncio*”. A segunda fase seria realizar uma microintervenção no espaço público, de projetar o vídeo no local de sua origem na pista para pedestres e cíclicas do *Bairro Cidade*.



Figura 18 - Daniel Moura, sem título, vídeo, 2018, duração 00:00:51.

A proposta de uma microintervenção foi lançada na disciplina do mestrado *Poéticas Audiovisuais Dispositivos Ecosóficos*, ministrada pelo professor Cláudio Tarouco de Azevedo. Lancei a ideia de projetar o vídeo em algum lugar ao longo da Av. Duque de Caxias, local onde foi produzido o *time-lapse*. No entanto, a colega Tatiana Duarte achou interessante a proposta de intervenção por meio da projeção no espaço urbano e resolveu participar da amostra com um vídeo de uma performance feita por ela no centro de Pelotas. Sendo assim, buscou-se um modo de articular as projeções utilizando um único projetor em espaço comum a todos os trabalhos que passaram a ser pensados com o mesmo formato de apresentação.

Resolvemos fazer a intervenção na Praça Coronel Pedro Osório, no centro da cidade, com o apoio de outros colegas que se interessaram em participar da intervenção.

Conversamos com o professor Cláudio se era possível conseguir um projetor junto ao Centro de Artes, para que, na semana seguinte, depois da aula sair, em direção à praça e realizar a microintervenção. Nesse meio tempo foi noticiado que o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) estava com a data marcada para realizar a reabertura no prédio novo³⁸, e havia sido organizada uma grade de programação semanal. Surgiu a ideia de encaixar a projeção na programação e assim descartarmos a projeção na praça.

O novo prédio do MALG, além da infraestrutura, projetor, energia elétrica e segurança, tem um fluxo mais intenso de transeuntes, e a sua frente tem o Mercado Público e ao lado do mercado tem várias paradas de ônibus que ligam o centro aos bairros. Na aula seguinte comentei para a turma essa possibilidade e os ganhos que esse espaço traria à microintervenção.

Por ter participado do projeto do *Levantamento Fotográfico do Acervo do MALG*, em 2014, tenho conhecimento do material que o museu dispõe e a amizade com todos os funcionários e com o diretor³⁹. Com o aval da turma e do professor Cláudio, fiquei encarregado de levar a proposta da microintervenção à direção do MALG. Enviei um e-mail pedindo a autorização com os dados da disciplina, explicando a proposta e como ela seria realizada, junto uma data para executar a atividade, que seria no dia 11 de julho de 2018. Foi anexada à mensagem uma imagem do projeto com os pontos da fachada em que poderíamos projetar os vídeos (figura 19).

³⁸ Localizado no prédio do antigo Lyceu da Universidade, local da primeira Escola de Agronomia da cidade, situada em frente ao Largo do Mercado, no centro de Pelotas. Fonte: <https://wp.ufpel.edu.br/malg/estamos--de-casa-nova-a-partir-desta-segunda-dia-02-de-julho/> acessado no dia 19/07/18.

³⁹ Diretor do MALG – Professor Lauer A. N. Santos.



Figura 19 - Imagem do projeto enviado a direção do MALG.

Após alguns dias, recebi a confirmação de que a microintervenção poderia ser realizada na fachada do museu e a atividade estaria na grade de programação semanal da reabertura do MALG (figura 20). E os vídeos que construíram a intervenção também participaram da exposição coletiva, realizada no III Encontro Internacional de Sociopoética e Abordagens Afins⁴⁰. O evento ocorreu na Universidade Federal do Piauí, na cidade de Teresina. O tema do evento foi “Potências do Corpo na Invenção de Si e de Mundos com/

⁴⁰ III Encontro Internacional de Sociopoética e Abordagens Afins, evento realizado de 22 a 24 de agosto de 2018 na cidade de Teresina no estado de Piauí.

entre Diversidades/Diferenças: Metodologias Sensíveis e Inventivas na Formação em Educação, Saúde e Arte”⁴¹.



Figura 20 - Divulgação da Vídeo Intervenção da Programação semanal do MALG.

Um dia antes do evento acontecer no MALG, exatamente no dia em que teríamos aula foi realizado o recolhimento dos vídeos. Também foi combinada a confecção de um

⁴¹ Fonte: <https://encontrosociopoetica.wixsite.com/encontrosociopoetica/nossahistoria> acessado em 13/08/2019.

cartaz digital para ser compartilhado por todos no *Facebook*, convidando amigos, familiares, professores e o público interessado a assistir às projeções (figura 21).

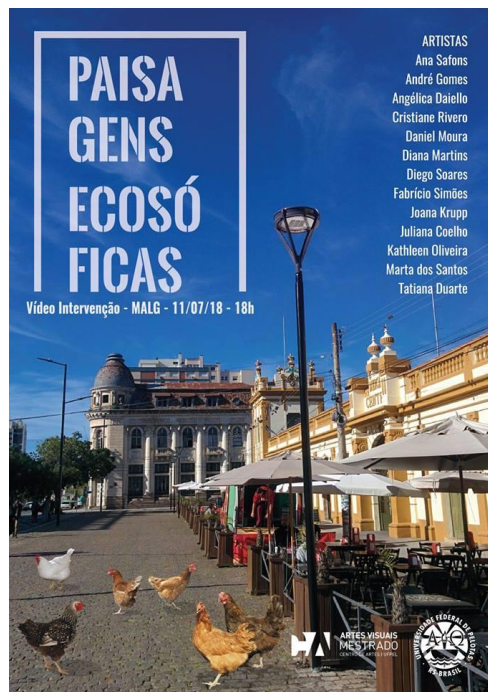


Figura 21 - Cartaz Digital – Realizado por Joana Krupp. Divulgado no Facebook

A microintervenção começou no horário combinado, às 18 horas. Os mais variados vídeos, uma multiplicidade. Uns ligados à linha das poéticas, outros à educação. A minha intenção era de, quando os vídeos comesçassem a ser projetados, ficar como um *flâneur* e fotografar a reação dos pedestres que estavam passando no momento. Nesse horário, as pessoas que trabalham no comércio e em outras atividades começam a soltar dos empregos, gerando uma grande circulação de transeuntes. Circulei por alguns pontos estratégicos, olhando a reação e o impacto que a microintervenção estava causando no

cotidiano dos pedestres. As fotografias com as reações das pessoas incorporei no final do Vídeo Poema (figuras, 22 e 23)⁴², mas ao contrário do *time-lapse*, que enfatiza o aceleração dos pedestres, as imagens da intervenção passam mais lentas, como se os transeuntes estivessem suspensos por alguns segundos e fora do fluxo provocado pela rotina da vida contemporânea.



Figura 22 - Daniel Moura, fotografia digital, microintervenção 1, 2018.

⁴² Seleccionei duas imagens para colocar no corpo do texto. Todos os vídeos estão em um DVD no final da dissertação.

Ou pelo link: <https://drive.google.com/open?id=1QJXr5iCH-Og5hVys6lzgJ-IA2UcsLLNS>



Figura 23 - Daniel Moura, fotografia digital, microintervenção 2, 2018.

Espero que esse pequeno vídeo/poema, junto com os outros vídeos dos colegas, possa de alguma forma sensibilizar e produzir novos pensamentos e contornos para o processo de subjetivação midiático, que de certa forma afeta o aceleração da vida cotidiana. Em um mundo que fica cada vez mais integrado pelo capitalismo, espero também que mais pessoas possam perceber as transformações que estamos vivendo, assim como Guattari descreve no final do livro:

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, como o estranho: todo um programa que parecerá

bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época (GUATTARI, 2001, p. 55).

A partir de novas práticas estéticas como a realizada no centro de Pelotas é que se abre a possibilidade da troca com o outro. Guattari “vê na contemplação estética um processo de “transferência de subjetivação” (BOURRIAUD, 2009, p. 139). As fotografias que removo das cidades invisíveis que encontro em Pelotas têm um pouco das minhas inquietações, do que percebo no cotidiano, do que me afeta, e procuro transferir para imagens um pouco dos meus pensamentos e de alguma maneira, possa afetar o outro.

Alguns meses após a exibição do vídeo na fachada do MALG surgiu a oportunidade de participar de uma exposição, aberta a todos os artistas da cidade e região. Nessa mostra queria transmitir os mesmos pensamentos da projeção, continuar a sensibilizar as pessoas sobre o aceleramento do cotidiano provocado pelo Capitalismo Mundial Integrado. Foi então que resolvi adequar as fotografias realizadas com a técnica *time-lapse* para o espaço expositivo.

No final do ano de 2018 participei da exposição IX Bazarte realizada pela galeria de arte JM. Moraes⁴³. Desde 2010 o estabelecimento propõe uma exposição coletiva com o intuito de fomentar e visibilizar a produção de artistas da região. No edital, cada participante tinha à disposição 70 cm x 90 cm de parede para apresentar os trabalhos. As obras deveriam estar emolduradas ou em suportes apropriado para expor e ao mesmo tempo serem comercializadas pela galeria. Sempre tive a intenção de apresentar as 166 imagens

43 IX Bazarte – A exposição foi realizada entre 17/12/2018 à 25/01/2019.

do *Bairro Cidade* impressas no formato 10x15 cm, e fixadas em suporte, uma ao lado da outra.

Para a exposição IX Bazarte não seria possível usar essa forma de expor, por causa do limite dado a cada artista. Então tive que adequar esse conceito aos padrões do espaço expositivo da galeria. A única solução encontrada era diminuir cada fotografia e apresentar, cada uma, no tamanho de 3x4 cm. Assim, construí uma narrativa dos transeuntes a partir da diminuição do tamanho das imagens em programa de edição. O trabalho propõe que a leitura seja feita da esquerda para direita e de cima para baixo, como em um livro. Como mencionado no processo de criação do *time-lapse*, cada fotografia foi produzida com intervalo de dez segundos entre uma e outra. O resultado configura uma arte sequencial (figura 24) sobre os fluxos do *Bairro Cidade* (figura 25).



Figura 24 - Detalhe do quadro *Bairro Cidade*.

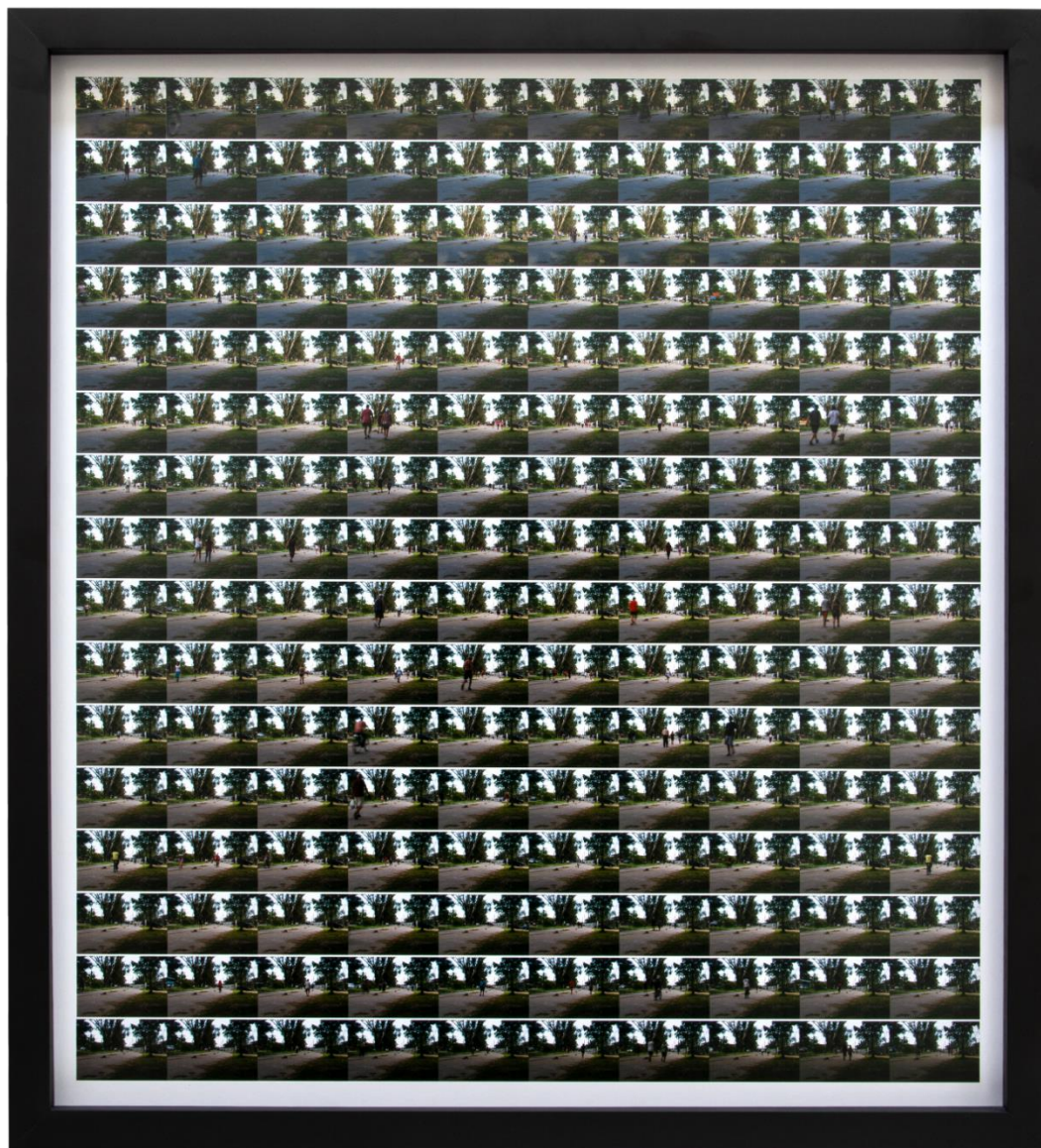


Figura 25 - Daniel Moura, Bairro Cidade, fotografia digital, impressão em papel fotográfico, 58 cm x 53,5 cm x 2 cm, 2018.

As aventuras no *Bairro Cidade* chegaram ao seu final, espero que as imagens feitas na Avenida Duque de Caxias tenham no futuro, outros desdobramentos e novas maneiras de serem apresentadas. Com a segunda cidade encontrada embarco novamente na minha Fragata existencial a procura de novas histórias. A última urbe já estava na minha mente há algum tempo antes da qualificação, só precisava esperar a data certa para fotografar. Nesse dia, a concentração de transeuntes aumenta consideravelmente, e o seu território recebe pessoas de todas as partes da cidade e região para encontrar os seus entes queridos. A cidade visitada é um local de oração, saudades e respeito.

Cidade dos Mortos



Durante as minhas viagens, jamais avançara até Adelma. Embarquei ao cair da noite. No cais, o marinheiro que pegou a corda no ar e amarrou-a à abita parecia-se com um dos meus soldados, que já morrera. Era hora da venda de peixes no atacado. Um velho colocava uma cesta de ouriços numa carreta; pensei reconhecê-lo; quando me voltei, ele desaparecera num beco, mas me lembrei de que ele se parecia com um pescador que, velho já à época em que eu era criança, não podia mais pertencer ao mundo dos vivos. Fiquei perturbado com a visão de um doente febril encolhido no chão com um cobertor sobre a cabeça: poucos dias antes de morrer, meu pai tinha os olhos amarelados e a barba hirsuta exatamente iguais aos dele. Desviei o olhar; não ousava fitar o rosto de mais ninguém.

Pensei: “Se Adelma é uma cidade que vejo no mundo dos sonhos, onde não há nada além de mortos, sinto medo do sonho. Se Adelma é uma cidade real, habitada por vivos, se eu continuar a fitá-los as semelhanças se dissolverão e eles parecerão estranhos portadores de angústias. Seja num caso seja no outro é melhor não insistir em olhá-los”.

Uma quitandeira pesava uma couve na balança e colocava-a dentro de uma cesta presa por um barbante que uma garota abaixava de um balcão. A garota era igual a uma da minha cidade que enlouquecera de amor e se suicidara. A quitandeira ergueu o rosto: era a minha avó.

Pensei: “Chega um momento da vida em que, entre todas as pessoas que conhecemos, os mortos são mais numerosos que os vivos. E a mente se recusa a aceitar outras fisionomias, outras expressões: em todas as faces novas que encontra, imprime os velhos desenhos, para cada uma descobre a máscara que melhor se adapta”.

Os descarregadores subiam as escadas em fila, curvos sob os barris e os garrações revestidos de vime; os rostos estavam escondidos debaixo de capuzes de pano. “Agora tiram os capuzes e eu os reconheço”, pensava com impaciência e medo. Mas não despregava os olhos deles; por menos que eu voltasse a olhar para a multidão que lotava aquelas vielas, via-me assediado por rostos imprevistos, vindos de longe, que me fixavam como se quisessem ser reconhecidos, como se quisessem me reconhecer, como se houvessem me reconhecido. Pode ser que eu também lhes recordasse alguém morto. Acabara de chegar a Adelma e já era um deles, passara para o lado deles, confuso naquele vacilar de olhos, de rugas, de trejeitos.

Pensei: “Talvez Adelma seja a cidade a que se chega morrendo e na qual cada um reencontra as pessoas que conheceu. É sinal de que eu também estou morto”. Também pensei: “É sinal de que o além não é feliz”.

Cidade Adelma – Italo Calvino

Para orientar o leitor a navegar no texto, coloquei na página seguinte um mapa. Nele contém uma parte do *Bairro Cidade* com dois pontos verdes indicando os locais em que já morei e moro atualmente. No centro do mapa fica a *Cidade dos Mortos*, os pontos em vermelho mostram o percurso que realizei no dia de finados e o local em que cada fotografia foi obtida.



Figura 26 - Mapa do cemitério - *Cidade dos Mortos* - Fonte: Google Earth.

No início da pesquisa comecei a observar e buscar na memória, no meu trajeto na cidade, locais e horários que pudessem formar aglomerações e fluxos de pessoas. Um dia, ao passar ao lado do cemitério que fica localizado no bairro Fragata, reparei o seu silêncio. Fazia algum tempo que não caminhava ao lado de seu muro verde (figura 27). Alguns anos atrás, passava com frequência, no trajeto para ir à escola. Hoje, por estar morando do outro lado da Avenida Duque de Caxias (ponto verde 2) e estar em outro momento da vida, são raras as vezes que consigo caminhar ao seu lado. Nesse mesmo dia percebi o contraste de duas cidades, de um lado do muro a dos vivos, com o barulho de seus fluxos na urbe, do outro lado, a dos mortos, com o seu silêncio total. Lembrei-me então, da união dessas duas urbes que ocorre próximo a uma data em especial, a da celebração dos finados⁴⁴ no dia dois de novembro.



Figura 27 - Daniel Moura, arquivo pessoal - Muro verde do cemitério, 2019.

⁴⁴ Dia em homenagem às pessoas falecidas, aos mortos, celebrado pela Igreja Católica no dia 2 de novembro; Dia dos Fiéis Defuntos ou Dia dos Mortos. Fonte: www.dicio.com.br/finados/ acessado em 08/07/2019.

Praticamente morei (e moro) a minha vida inteira próximo ao cemitério (ponto verde 1 e 2 no mapa), o meu imaginário foi se formando por histórias de terror contadas pelos mais velhos, sobre os fantasmas que caminhavam depois da meia-noite. Diziam que as almas vagavam à noite, nos corredores, arrastando correntes, e os barulhos que elas emitiam poderiam ser escutados do outro lado do muro. Também fui influenciado pelos filmes de terror vistos na televisão aberta, como *Poltergeist*⁴⁵, em cuja narrativa uma família começou a ser atormentada por espíritos. No decorrer da película, um paranormal, descobre que a casa foi construída sobre um antigo cemitério indígena. No imaginário coletivo, os espíritos são almas que, por algum motivo, ficaram presas no mundo terreno, não foram para o céu e nem para o inferno. O cemitério causa desconforto nos vivos por ser o depósito da morte e o fim de uma existência. Essa relação muda com a chegada do dia dos finados, é o momento de rezar e relembrar os momentos vividos com os entes queridos.

As cidades de Calvino, junto com as urbes que descobri no mar de Pelotas motivaram-me a buscar na memória outras cidades e personagens que de alguma forma me encantaram e, ao mesmo tempo, trouxeram medo a minha infância. No meio da década de 1980, passou no horário nobre da televisão brasileira a novela *Roque Santeiro*⁴⁶. A história se passava em uma cidadezinha chamada Asa Branca. Nela havia um personagem

⁴⁵ Poltergeist - O Fenômeno – 1982, dirigido por Tobe Hooper Fonte: www.adorocinema.com/filmes/filme-132622/ acessado: 27/04/2019.

⁴⁶ Roque Santeiro – Autoria de Dias Gomes - Exibido: 24/06/1985 – 22/02/1986 Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/roque-santeiro.htm> acessado: 27/04/2019.

lobisomem, o professor Astromar Junqueira⁴⁷. Lembro-me de uma cena em que ele se transforma em um lobisomem dentro do cemitério da cidade. Já era noite, uma nevoa intensa cobria a rua, e no meio dela surge uma figura se contorcendo e adentra o cemitério. No meio há uma cruz com a base cercada por velas acesas, o professor passa pela a cruz e cai perto de um túmulo. A câmera faz um *close* no rosto do personagem, a cena é intercalada com imagens da lua cheia e com a da transformação. No final surge um ser híbrido metade homem e metade lobo, que sai uivando pelas ruas da cidade de Asa Branca; a música de Zé Ramalho⁴⁸ ao fundo começa a ficar mais alta...

Naquele mesmo tempo

No mesmo povoado se entregou

Ao seu amor porque

Não quis ficar como os beatos

Nem mesmo entre Deus

Ou o capeta

Que viveu na feira

O cemitério, no mundo do entretenimento, costuma transmitir ao espectador um cenário de medo e terror. O dia dos finados tem outra característica, a de produzir a quem

⁴⁷ Professor Astromar Junqueira – Interpretado por Rui Resende.

⁴⁸ Zé Ramalho – Cantor e compositor – Música: Mistérios da Meia-Noite
<https://www.youtube.com/watch?v=OEvFuXYHQjs> acessado em 09/07/2019.

visita a necrópole sentimentos como tristeza e saudade do ente querido que partiu. O seu território tem esse contraste de dar prazer ou euforia a quem assiste a um filme e provocar angústia nas pessoas que visitam esse espaço. Pensei que a arquitetura dos seus prédios, seus corredores e o caminhar poderiam ser usados para estimular o meu imaginário e encontrar junto aos fluxos dos transeuntes o invisível dentro do seu visível.

A intenção era percorrer o interior do cemitério, olhar e fotografar a união dessas duas cidades, a dos vivos e a dos mortos, no ano de 2017. E apresentar as imagens na etapa de qualificação, mas isso não foi possível porque estava muito perto do dia dos finados. Para fotografar no cemitério é necessário pedir com antecedência uma autorização junto à administração. Como procuro seguir e respeitar a normas das instituições sobre fotografar no seu local, optei então, por deixar esse projeto para o ano seguinte e apresentar as fotografias e as histórias que ocorreram durante o processo de criação desta dissertação.

Em outubro de 2018 antecipei e entrei em contato por e-mail com o Provedor da Santa Casa de Pelotas⁴⁹, explicando a pesquisa e pedindo uma autorização para fotografar no dia de finados no interior do cemitério. Após alguns dias recebi a sua confirmação e um convite para apresentar pessoalmente o trabalho desenvolvido no mestrado.

Antes de fotografar, comecei a observar nas minhas passagens em frente ao cemitério, as mudanças e as preparações que começavam a acontecer no seu entorno. Nesse período, os funcionários da prefeitura, com suas equipes, começam a fazer a

⁴⁹ A Santa Casa de Pelotas é responsável pela administração do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula.

limpeza dos meios fios e das calçadas e dão outra demão de tinta sobre as faixas de pedestres. E com o passar dos dias, as bancas ficavam mais coloridas em função do aumento no estoque de flores naturais e artificiais e com o surgimento de novas bancas (figura 28). Ao se aproximar do dia dos finados, o fluxo de pessoas e do comércio de flores começa a ficar mais intenso. Na véspera do dia dos finados, fui à tarde para mostrar a autorização ao responsável da administração do cemitério e combinar com ele que no próximo dia chegaria cedo, perto das oito horas da manhã, e ficaria até as doze horas.



Figura 28 - Daniel Moura, arquivo pessoal - Bancas de flores, 2019.

No dia 2 de novembro saí cedo de casa, um pouco nervoso, sem saber o que iria encontrar, como seria a reação das pessoas ver alguém fotografando dentro do cemitério. Levei para essa aventura dentro da *Cidade dos Mortos* a câmera fotográfica e uma lente de 35 mm, disparador automático e o tripé. Entrei pelo portão central do cemitério e fui em direção à rampa que leva para o segundo piso, montei o equipamento no alto para fotografar as pessoas que subiam em silêncio, cada uma no seu ritmo, indo à procura da lápide dos seus entes queridos (vermelho 1).

A intenção era de aproveitar a verticalidade da arquitetura do cemitério, que tem aparência de dois muros altos um em cada lado. No meio, os transeuntes subiam por essa passagem estreita em direção à câmera. No ponto em que ela estava fixada seu enquadramento remete a um portal em que cada pessoa que atravessa é levada a encontrar na sua memória um pedaço de uma cena vivida na cidade com o seu familiar ou amigo sepultado no cemitério.

As fotografias que realizei nesse espaço têm o misto de longa e dupla exposição, na banca de qualificação fui aconselhado a usar a dupla exposição⁵⁰ em vez de sobrepor as imagens em programas de edição. Para as examinadoras, essa técnica traz mais veracidade ao ato de fotografar. As câmeras digitais atuais simplificaram esse método, basta selecionar no menu múltiplas exposições, e depois e só fotografar duas vezes em intervalo de tempo diferente, que o software da câmera faz a junção das imagens.

⁵⁰ Dupla exposição é uma técnica que surgiu nas câmeras analógicas, o mesmo negativo é exposto duas vezes, em intervalos de tempo diferentes.

As imagens na rampa mostram as linhas diagonais saindo do ponto de fuga, elas levam o olhar para o céu, para além do visível, transportam não só o olhar, mas o corpo para a espiritualidade. As três imagens foram distribuídas uma em cima da outra como um totem (figura 29), representando a ligação do mundo terreno com o espiritual.



Figura 29 - Daniel Moura, Fotografia Digital, Cidades dos Mortos – Portal, 2018.

Outra característica das imagens é o forte contraste de luz e sombra, provocado pela claridade do dia, que vai aos poucos invadindo o espaço deixado pela escuridão. Pensando nessa qualidade, resolvi pesquisar a respeito e acabei encontrando o Cinema Expressionista Alemão, movimento que surgiu após o término da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Era formado por cineastas e artistas que procuravam expressar os seus sentimentos vividos na época, a melancolia e o sofrimento do povo frente a um país arrasado emocionalmente e economicamente. Foram influenciados pelas pinturas dos Expressionistas⁵¹ e pelos pintores como El Greco (1541 – 1614), Vincent van Gogh (1853 – 1890) e Edvard Munch (1863 – 1944)⁵².

Um dos principais filmes dessa geração foi o *Nosferatu*⁵³, uma obra inspirada no romance Drácula, escrito por Bram Stoker (1847 – 1912). O filme mostra o terror que vai chegar à pequena cidade portuária de Wisborg com o desembarcar do Conde Orlok, um vampiro sedento por sangue. Na película, uma cena em especial chamou a minha atenção (figura 33), e me fez lembrar outra característica das fotografias que realizei na rampa do cemitério. Nosferatu vai ao encontro a sua vítima que está no quarto, ele tem que subir as escadas, mas o que aparece subindo pelas escadarias não é o seu corpo e sim a silhueta, a sombra, a deformidade da figura, como os espectros dos vultos que surgiram na fotografia da rampa, provocado pela dupla exposição e a baixa velocidade do obturador.

⁵¹ Expressionismo – Movimento surgiu em 1905, os artistas usavam a sua subjetividade para compor as obras. As principais características eram cores fortes, figuras distorcidas e crise social.

⁵² Fonte: Expressionismo Alemão - <https://www.aicinema.com.br/expressionismo-alemao-movimentos-cinematograficos/> acessado em 16/07/2019.

⁵³ Nosferatu: uma sinfonia do horror - Direção: F. W. Murnau - Duração: 1h 34 min - Ano: 1922 <https://www.youtube.com/watch?v=SWEuP1OGx6A> acessado em 16/07/2019.



Figura 30 - Cena do filme Nosferatu: uma sinfonia do horror. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=SWEuP1OGx6A>

É necessário comentar que essas técnicas que utilizo já eram empregadas no século XIX, principalmente a baixa exposição. Uns dos principais artistas a utilizá-la foi o fotógrafo de rua o francês Eugène Atget (1857 – 1927) que já aplicava esse artifício nas suas fotografias. Atget fotografava Paris no final do século XIX, uma cidade que estava em processo de modernização, bairros inteiros foram demolidos para a construção de novos prédios, praças e avenidas. Ao longo de sua vida, acumulou mais de 10 mil fotografias, algumas delas mostrando uma cidade em silêncio, sem a presença de pessoas, em outras apenas vestígios de corpos transparentes flutuando em meio à urbe.

Eugène Atget, em algumas fotografias, tinha como objetivo fotografar a arquitetura da cidade de Paris (figura 31), não estava interessado nos fluxos dos pedestres. Essa falta

de transeunte em suas fotografias, para alguns autores como Luiz Eduardo Achutti, deve-se às “(...) limitações tecnológicas da época e da sua câmera, velocidades muito baixas, com as quais sabemos que as pessoas em movimento não ficam registradas no negativo” (2012, p. 55). A escolha de Atget de mostrar esteticamente uma cidade nítida em todos os planos, acarretou a escolha de uma abertura do diafragma mais fechado, entrando pouca luz para sensibilizar a chapa fotográfica, ocasionando um longo tempo de exposição.



Figura 31 - Eugène Atget, Fotografia, Rue des Nonnains-d'Hyères e Rue de l'Hôtel-de-Ville, 1899. Fonte: <https://www.artgallery.nsw.gov.au/resources/exhibition-kits/eugene-atget/streets-of-paris/>

Após ter fotografado na rampa do cemitério, saí com a câmera fixada no tripé para ter mais agilidade na hora de fotografar, fui na direção dos corredores, no segundo andar. No percurso, percebi um senhor no seu momento de oração, em pé olhando fixo para lápide (vermelho 2). O fluxo nesse corredor estava tão calmo que o silêncio estava revelado no espaço. Na entrada do corredor vagorosamente fui colocando o tripé no chão, para não

chamar atenção. Olhei a cena pelo visor da câmera e vi a luz mais intensa entrando pela lateral, formando um triângulo sobre a figura do senhor (figura 32). Ele deu um passo para atrás e neste instante dei o primeiro clique, esperei o desfecho da cena. Por vários segundos o senhor continuou imóvel. Prossegui na espera para conseguir outro clique. Fiquei na expectativa de sua saída, não importava se era na minha direção ou na direção oposta. O senhor saiu, então chegou o momento de dar o segundo clique. Na imagem final apareceu dois vultos do senhor, um de frente para as lápides e outro de costas, indo na direção oposta da câmera.



Figura 32 - Daniel Moura, Fotografia Digital, Cidades dos Mortos - Senhores, 2018.

Saí do corredor e fui à procura das escadas que levam para o térreo. Quando cheguei no local percebi o constante fluxo das pessoas, subindo e descendo os degraus. Parei, coloquei o tripé no chão (vermelho 3). Primeiro fiz o enquadramento de cima para baixo, depois centralizei a câmera na escada. Estava em um ambiente em que a luz entrava pelas laterais e no térreo, o meio da cena em uma penumbra, para compensar essa falta de luz resolvi usar somente a longa exposição e, assim, enfatizei o fluxo dos transeuntes.

Olhando pelo visor da câmera e depois nas fotografias (figura 33), um acontecimento chamou a minha atenção, foram os passos lentos das pessoas para subir e descer as escadarias. Parece que o ritmo de suas existências mudava quando passavam pelo portão do cemitério. A agitação da cidade, o barulho dos carros, a pressa de chegar a algum lugar e a vida acelerada não existia do lado de dentro do muro. Nesse momento percebi que o cemitério não é somente um local de morte, orações, saudades ou de tristezas, é também de autorreflexão de pensar na vida. Cada passo lento dado em paz é uma forma de meditar, de criar forças para prosseguir a jornada, sem a presença da pessoa estimada.



Figura 33 - Daniel Moura, Fotografia Digital, Cidade dos Mortos - Sombras, 2018.

Nas imagens que apresento dos transeuntes nas escadas, as figuras das pessoas estão tomadas pelas sombras, a luz não chega a cobrir seus corpos, uma parte fica tomada pela escuridão. O oposto à pintura Barroca⁵⁴, que enfatizava a luz projetada sobre os personagens para destacá-los em cena. O ar sombrio do local e mais os passos lentos das pessoas faz pensar em cada indivíduo que passava por aquele caminho, será que não estavam carregando na alma o peso das suas tristezas? Sentimento semelhante o fotógrafo russo Alexey Titarenko vivenciou, e a partir dele desenvolveu uma série de imagens chamada de City of Shadows⁵⁵ (figura 34), na cidade de São Petersburgo. Titarenko comenta o período sombrio que viveu no colapso da União Soviética, em 1991, e a extrema dificuldade dos habitantes de sua cidade em conseguir alimentos durante a grave crise da economia. O artista relata que as pessoas “pareciam sombras, desnutridas e desgastadas”⁵⁶ percorrendo a cidade. Vendo a agonia do seu povo, sentiu a necessidade de mostrar através da fotografia toda sua dor e sofrimento. Começou a fotografar o fluxo da multidão perto da estação de metrô Vasileostrovskaya. A técnica escolhida por Titarenko para fazer essa série foi a mesma aplicada pelos fotógrafos do século XIX, como Eugénie Atget, a longa exposição. Ela foi útil para o artista construir a sua metáfora visual de “pessoas-sombras” dos habitantes da cidade, que estavam passando por dificuldades por consequência de uma política em decadência.

⁵⁴ Barroco – Surgiu no século XVII enfatizava o claro e escuro para dar profundidade e dramaticidade a cena retratada. A projeção da luz era para direcionar o olhar do espectador aos objetos ou os personagens mais importantes no quadro.

⁵⁵ Cidade das Sombras.

⁵⁶ Entrevista dada a revista SHOTS em 2005. Encontra-se no site <http://www.alexeytitarenko.com/#/cityofshadows/> acessado em 16/05/2019.



Figura 34 - Alexey Titarenko, Fotografia, Estação de Metrô Vasileostrovskaya (Multidão 1), impressão em gelatina de prata, 1992. Fonte: <http://www.alexeytitarenko.com/>

Peguei o meu equipamento fotográfico e desci pela escada até chegar ao corredor do térreo. Comecei a caminhar e, ao mesmo tempo, fiquei olhando para os retratos nas lápides ao lado. Nesse momento percebi que o cemitério parece um imenso álbum de retratos em permanente processo de construção. A cada dia que passa pessoas morrem, deixam as cidades dos vivos e vão para cidade dos mortos, dessa forma novas fotos são coladas nas lápides, contribuindo para o crescente álbum da *Cidade dos Mortos*. Os retratos realizados em vida agora são usados como uma forma dos parentes e amigos encontrarem seus entes queridos e, ao mesmo tempo eternizá-los. O homem sempre procurou uma maneira de se retratar e imortalizar a sua existência através da imagem. Recorreu a várias técnicas ao longo da história como o desenho, a escultura e a pintura, mas o auge foi a invenção da fotografia. A imagem fotográfica seria, no senso comum, segundo Kossoy “(...) um substituído *portátil* que pode ser transportado através do espaço e do tempo” (2009, p. 136).

A massificação do retrato fotográfico começou pelo fotógrafo Eugène Disdéri (1819 - 1889), “(...) o enaltecedor da fotografia industrial, futuro inventor da famosa *carte de visite*” (ROUILLÉ, 1998, p. 237). Disdéri conseguiu diminuir o custo de produção das fotografias fracionando uma chapa fotográfica em oito cliques (figura 35). Com isso a população mais carente teve acesso e condições de pagar por seus retratos (FABRIS, 1998). O advento da fotografia, mais a sua popularidade, possibilitou, segundo Soares, a “(...) democratização da imagem fotográfica e ao seu caráter de representação da realidade, que fez com que ela ocupasse diversos espaços na sociedade moderna, incluindo-se nesses novos aproveitamentos a função cemiterial” (2007, p. 122). Hoje a prática de colocar retratos dos entes queridos em uma lápide já está enraizado na cultura ocidental.

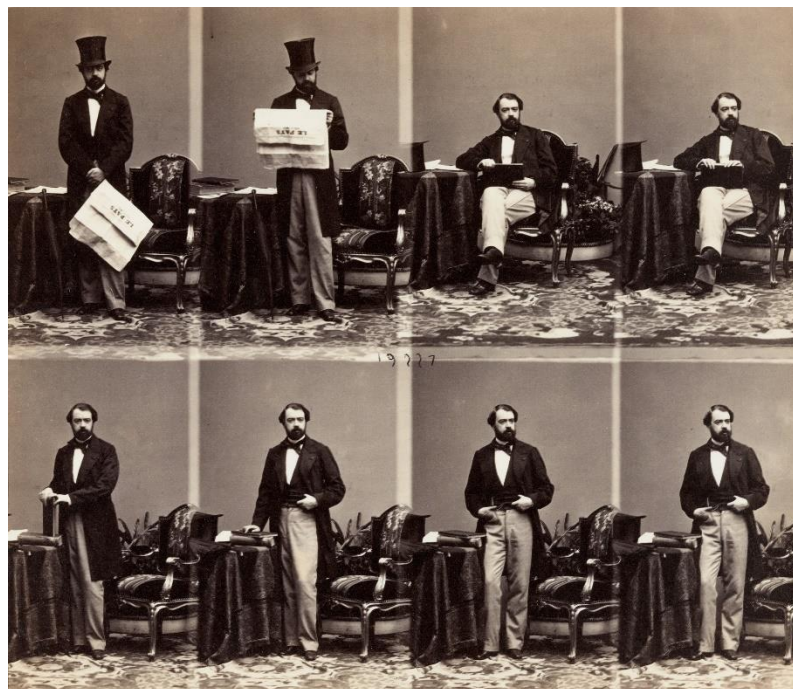


Figura 35 - Folha sem cortes de uma Carte de Visite, 1860. Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/45679>

Quando estava percorrendo os corredores e olhando para os retratos das pessoas ali sepultadas, senti uma sensação estranha, de estar sendo ao mesmo tempo observado. A fotografia tem esse poder de trazer os mortos à vida. Ela carrega um momento da existência do referente. Roland Barthes compara a fotografia com a morte, o famoso “isso foi”, quer dizer que, para existir uma imagem fotográfica é necessário que em alguma ocasião tenha existido um referente. “O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorre uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 2015, p. 14). Os retratos nas lápides são fragmentos do passado que se tornam

presentes no momento que começo a olhar, e essa presença naquele instante provocou-me desconforto e vontade de sair, ir para um local mais aberto.

Porém a imaginação começou a pregar peças ao ponto de não querer mais ficar encarando os retratos⁵⁷. Sensação semelhante à cidade Adelma, de Calvino. Marco Polo começa a perceber que cada habitante da cidade é uma pessoa com quem ele tinha convivido em algum momento do passado, só que tem um detalhe, essas pessoas já estavam mortas. Polo pensa

(...) se Adelma é uma cidade que vejo no mundo dos sonhos, onde não há nada além de mortos, sinto medo do sonho. Se Adelma é uma cidade real, habitada por vivos, se eu continuar a fitá-los as semelhanças se dissolverão e eles parecerão estranhos portadores de angústia. Seja num caso seja no outro é melhor não insistir em olhá-los (CALVINO, 2017, p. 89).

Se olhasse para os retratos de pessoas desconhecidas em outro lugar, a sensação seria diferente, mas quando vejo no cemitério o contexto muda, porque sei que a vida foi interrompida e o que está ali presente é uma imagem do passado e, ao mesmo tempo, de finitude. Essas fotografias tinham por algum instante a capacidade de congelar o meu olhar, como o olhar da Medusa (figura 36). Na mitologia grega, a Medusa guardava a entrada para o inferno, a pessoa que tentasse entrar no local e olhasse nos seus olhos era transformada em pedra. Perseu, com sua espada e seu escudo brilhante como um espelho, tinha a missão de cortar a cabeça da Medusa. Ele adentra no território da criatura. Aproveita o reflexo do escudo para observar e se aproximar do mostro, sabendo que não pode olhar

⁵⁷ Quando pedi autorização para fotografar no cemitério fui aconselhado pelos responsáveis da administração a não mostrar imagens dos retratos das pessoas ali sepultadas, em respeito à memória e a família dos falecidos. Por esse motivo não coloco nenhuma imagem das sepulturas.

nos olhos dela. Então Perseu fica tão próximo da vítima, que um só com golpe da sua espada foi suficiente para cortar a cabeça. Para Dubois

Uma vez dado o golpe – um raio invertido -, sabe-se o que aconteceu com a cabeça cortada: inscreve-se para sempre no escudo – o espelho, como o papel fotográfico, deixando que a imagem se imprima unicamente pela força do olhar petrificador -; e, sobretudo, continua a exercer sistematicamente seu poder além de sua própria morte (DUBOIS, 2012, p. 152).

Como em Barthes, a morte está ligada ao ato de fotografar, o corte do obturador, o congelar de um instante e depois a fixação da imagem em um suporte. A fotografia continua a exercer o poder do referente mesmo depois de ter deixado de existir. As imagens provocam sentimentos e sensações a quem as contemplan, no meu caso trouxe o pavor da morte. O medo fez com que apressasse os meus passos para sair o mais rapidamente possível daquele local.



Figura 36 - Caravaggio, Medusa, óleo sobre tela, diâmetro 44,68 cm, diâmetro circular 48/49 cm, 1597.

Fonte: Google Arts & Culture. Fonte:

<https://artsandculture.google.com/asset/%20medusa/FAFPqU12CekL8Q?hl=pt-BR>

Finalmente saí dos corredores e foi em direção à parte antiga do cemitério, construída no auge do poder econômico da cidade de Pelotas. Local mais procurado pelos fotógrafos e estudantes, onde se encontram os túmulos da fase de ouro da cidade, e as esculturas feitas por grandes artistas de Pelotas, como Antônio Caringi (1905 - 1981). Os mausoléus eram construídos pelas famílias de maior poder aquisitivo da cidade, que tinham os seus negócios vinculados ao charque. Como nas pirâmides dos Faraós os donos dos sepulcros não mediam esforços e nem recursos para a construção. Segundo comenta Oliveira (apud Magalhães), o viajante e escritor britânico Michael George Mulhall (1836 - 1900) visitou a cidade de Pelotas, no século XIX, e fez um comentário a respeito do cemitério, ele “(...) calculou que se gastara uma fortuna em estátuas e monumentos construídos em mármore de Carrara (mármore italiano)” (2007, p. 20). Enquanto os ricos eram sepultados em uma parte nobre do cemitério, nos luxuosos mausoléus, os pobres eram enterrados mais afastados, na simplicidade. Surgindo assim a divisão de classes na *Cidade dos Mortos*.

Para chegar à parte antiga foi preciso passar por um portal, passei por ele e fiquei um tempo parado pensando por onde iria começar a fotografar? Saí a caminhar, fui até o final do corredor, olhei para trás e vi a junção do cemitério antigo com o novo, coloquei o tripé no meio, com o enquadramento de baixo para cima (vermelho 4). Como o dia estava lindo e ensolarado, ficou difícil utilizar a longa exposição, mesmo usando o número do ISO⁵⁸

⁵⁸ ISO – International Standards Organization (Organização Internacional de Padrões). O ISO serve para sensibilizar o sensor da câmera. Quanto menor for o número do ISO mais luz vai precisar para fotografar e quando esse valor é aumentado menos luz será necessário para sensibilizá-lo.

mais baixo possível da câmera e abertura do diafragma fechada. Para essa sessão usei somente a dupla exposição.

A imagem que aqui apresento está visualmente equilibrada (figura 37). A intensão não era só essa, de passar estabilidade. Como coloquei a câmera bem no meio do corredor, para pegar os fluxos dos transeuntes que estavam passando próximo aos jazidos, os elementos arquitetônicos do local contribuíram para que a fotografia saísse simétrica. Essa sensação de estabilidade é quebrada pelo caminhar dos pedestres. Analisando melhor a imagem, outras ações estão acontecendo no local, como das pessoas em frente às lápides, colocando flores, acedendo velas, é um momento de conversa e de oração com seu ente querido.

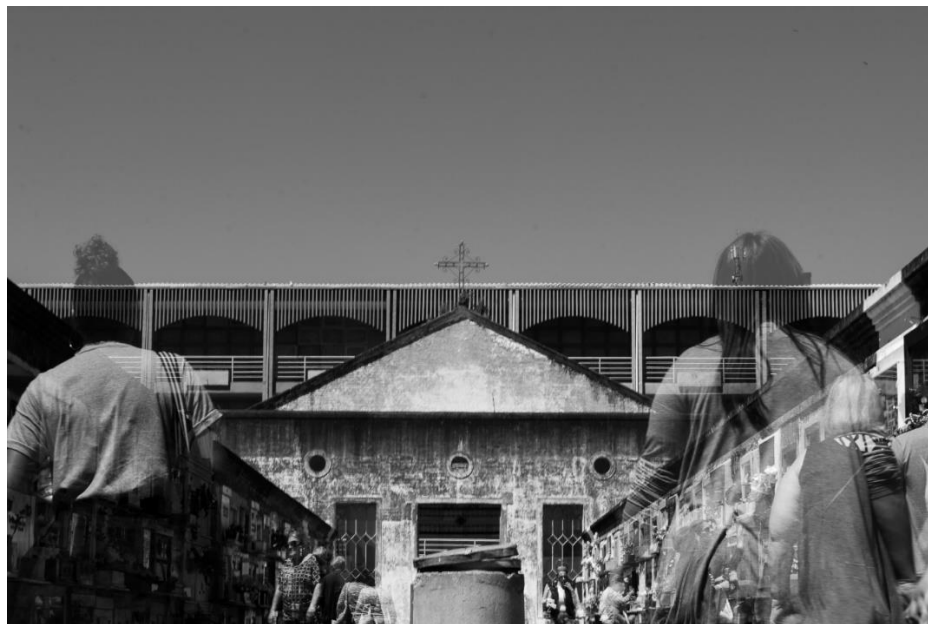


Figura 37 - Daniel Moura, Fotografia Digital, Cidade dos Mortos - Mensagem, 2018.

Observando a imagem, a perspectiva leva o olhar para baixo em direção ao portão de entrada da parte antiga do cemitério, em seguida, bruscamente o olhar é puxado para cima. O triângulo formado pelo frontão junto com a cruz parece uma seta apontando para cima, em direção ao céu limpo e claro. Imagino esse local como a central de comunicação da *Cidade dos Mortos*. A entrada para o cemitério antigo como uma antena de comunicação que envia as mensagens dos vivos para os mortos.

Na exposição Olhares Ecosóficos⁵⁹, tive a oportunidade de mostrar a fotografia da central de comunicação da *Cidade dos Mortos*. A imagem foi apresentada no teto da galeria. A intenção era de ressaltar o envio das mensagens da cidade dos vivos, de fazer com que o visitante da exposição elevasse o seu olhar para cima (figura 38) e, por alguns segundos, entrasse em um momento de contemplação e de oração e, até mesmo, que enviasse a sua própria mensagem a algum ente querido que já se foi. Essa forma de apresentar o trabalho se compara as fotos aéreas que os praticantes do movimento Suprematismo⁶⁰ tiveram contato. Lazar Markovich Lissitsky (1890 - 1941) e Kazimir Malévitch (1879 - 1935), viram

(...)paisagens terrestres “transformadas” mal identificadas – sem horizontes, nem profundidade, sem buracos, nem saliências, achatadas, geometrizadas, “abstratizadas”, metamorfoseadas em texturas, em configurações cromáticas ou formais, em jogo de formas “a serem interpretados” (DUBOIS, 2012, p. 261).

As imagens do solo terrestre são deslocadas e erguidas, fazendo com que o olhar acompanhe e ressignifique essa nova maneira de ver o mundo. Em a *Cidade dos Mortos*,

⁵⁹ Olhares Ecosóficos – Exposição de trabalhos dos integrantes do Grupo de Pesquisa, Arte Ecologia e saúde – 04/06/2019 a 05/07/2019 – Curadoria: Cláudio Azevedo – Local: FURG – Campos Carreiros, Rio Grande.

⁶⁰ Suprematismo – O movimento surgiu em 1913, criado pelo artista russo Kazimir Malévitch, arte abstrata geométrica sem nenhuma preocupação com a representação.

efetivamente o olhar é deslocado para cima, convidando ao encontro com a imagem, com a cruz, com o etéreo e as cidades invisíveis.



Figura 38 - Daniel Moura, Cidade dos Mortos – Mensagem, Fotografia digital, Fotografia impressa em tecido wideprint, 90 cm x 126 cm, 2018.

Comecei a caminhar novamente e fui na direção dos túmulos simples; chegando no local encontro um habitante da *Cidade das Pessoas Invisíveis* (vermelho 5). Como já foi dito anteriormente, são pessoas que a sociedade do desempenho e atarefada não enxerga, passamos por elas e não as percebemos. Encontrei a moça limpando um jazigo de uma família. Na semana do dia dos finados, algumas pessoas oferecem o serviço de manutenção e limpeza de túmulo para conseguir uma renda extra. Conversei um pouco com ela, e perguntei se poderia fotografá-la em atividade no seu trabalho, respondeu que sim, mas não queria que aparecesse o seu rosto.

Então coloquei o tripé a uma distância razoável, em um enquadramento que pegasse a moça de costa, cercada pelos túmulos. Na imagem final, a dupla exposição possibilitou dar movimento à cena da limpeza. Do lado esquerdo da imagem, sobre uma lápide os produtos que ela usava para realizar as tarefas.

Olhando a imagem (figura 39), fico me perguntando por que ela não queria que aparecesse o seu rosto? Será que ela tinha vergonha de algo, do local ou do trabalho que estava realizando? Não vou saber, mas sei que a sociedade elege alguns trabalhos como sendo os mais importantes e os outros são desvalorizados e renegados. E isso, de alguma maneira, pode ter afetado sua autoestima, incomodando a ponto de não desejar mostrar o seu rosto. Esse ato de se deixar fotografar de costas pode ser visto como simplesmente “não queria estar aqui”. Na atual crise que assola nosso país, mais e mais pessoas estão perdendo o emprego e sua autoconfiança e, aos poucos, tornando-se invisíveis perante a sociedade.



Figura 39 - Daniel Moura, Fotografia Digital, Cidade dos Mortos - Moça, 2018.

As duas próximas imagens que apresento são do mesmo local da moça limpando o túmulo (vermelho 6 – 7). As fotografias foram realizadas com a técnica da dupla exposição, só que agora, com o deslocamento da câmera, após a obtenção da primeira fotografia. Dois diferentes ângulos do cemitério são sobrepostos pela câmera, formando uma única imagem digital. Olhando para a imagem, ela representa metaforicamente a junção da cidade dos vivos com a *Cidade dos Mortos*, as sobreposições dos deslocamentos dos transeuntes com o invisível. Quando falo do não visto, estou falando dos sentimentos, da memória, da oração e da espiritualidade (figuras 40 e 41). Boris Kossoy comenta a respeito do que seria o invisível em uma imagem fotográfica, para o autor,

(...) a fotografia, obviamente, não guarda essas impressões – elas situam-se ao nível do invisível, além da imagem. São emoções que não podem ser gravadas materialmente: residem em nosso ser e só a nós pertencem. São emoções que não apenas sentimos, mas também imaginamos, sonhamos e, portanto, vemos (2009, p. 137).

São emoções que percebi e senti no local, toda a espiritualidade, tristeza, os encontros as orações, tudo isso é reforçado no momento que vejo as fotografias.

As imagens que apresento trazem o estranhamento de vários elementos, uns mais nítidos e outros mais transparentes, como se fossem dois mundos diferentes unidos pela câmera. Na primeira imagem, os dois cliques que compõem a fotografia foram feitos com o mesmo enquadramento na horizontal. Já na segunda imagem, a primeira captura foi realizada na vertical; resolvi fotografar a torre de um mausoléu, depois a câmera foi colocada na horizontal, pegando a arquitetura dos túmulos com suas cruzes e estátuas.

Como dito anteriormente, a dupla exposição tem sua origem no analógico. No século XIX, os fotógrafos descobriram a técnica por acaso através de imprevistos no

processo de revelação, uma das causas era a má lavagem das placas de colóquio (FERNANDES, 2012). Com o tempo, a tecnologia foi avançando, chegando no mercado as câmeras compactas que funcionavam com rolos de filmes. Então os negativos passaram a ser “encanados”. O primeiro clique era dado e o negativo recebia a luz do referente. Depois o filme era rebobinado para voltar a sua posição de origem, em seguida era feito a segunda captura e o negativo novamente era sensibilizado, formando uma dupla imagem. Hoje, com o advento das câmeras digitais o processo ficou mais fácil e econômico.



Figura 40 - Daniel Moura, Fotografia Digital, Cidade dos Mortos – Cidades 1, 2018.



Figura 41 - Daniel Moura, Fotografia Digital, Cidade dos Mortos – Cidades 2, 2018.

Continuei com a caminhada, indo novamente para a parte nova do cemitério. Fui na direção da segunda saída por ser a mais próxima. Quando chego no local, fico encantado com a arquitetura do interior (vermelho 8 - 9). O salão tem três portas de acesso para a parte antiga da necrópole, uma de cada lado e outra no meio e mais quatro janelas por onde entra muita luz. Resolvi fazer uma fotografia no canto direito e outra no esquerdo, com as perspectivas voltadas para os lados opostos, em direção às portas no fundo de cada enquadramento (figuras 42 - 43).



Figura 42 - Daniel Moura, Fotografia Digital, Cidade dos Mortos – Janelas 1, 2018.



Figura 43 - Daniel Moura, Fotografia Digital, Cidade dos Mortos – Janelas 2, 2018

O que chamou a minha atenção no salão, além da luz, foram os desenhos geométricos formado pelas portas e janelas, e as sobras projetadas no chão. Quando comecei a editar e converter para preto e branco as imagens, lembrei das fotografias do fotógrafo chinês Fan Ho (1931 – 2016). Ho fotografou as ruas da cidade de Hong Kong na década de 1950 e 60.

A imagem especial das minhas lembranças é a Approaching Shadow⁶¹ (figura 43), nela tem todos os elementos já citados anteriormente, contrastes de luz e sombra e formas geométricas, o que me instigou na fotografia foi a simplicidade da imagem o seu minimalismo. A moça imóvel, olhando para baixo entre uma linha invisível que divide o bem ou mal, representado pela a claridade e a escuridão. A minha imaginação fica na expectativa para saber quem iria recuar primeiro: a projeção da luz ou da sombra.



Figura 44 - Han Ho, fotografia, Approaching Shadow, 1954. Fonte: <https://fanho-forgetmenot.com/work-2>

⁶¹ Aproximando-se da Sombra.

Retornei para parte nova do cemitério para realizar a última fotografia na *Cidade dos Mortos* (vermelho 10). No segundo piso, coloquei o tripé no chão, posicionei a câmera, fiz o enquadramento em direção ao portão, que é o único acesso disponível aos transeuntes. Decidi fotografar a fronteira entre as cidades dos vivos com a dos mortos (figura 45). O fluxo no local era intenso pessoas entrando e outras saindo. Na urbe *Bairro Cidade*, os agentes de trânsito organizam a circulação na faixa de pedestre, parando os carros para os transeuntes passarem em segurança.



Figura 45 - Daniel Moura, Fotografia Digital, Cidade dos Mortos – Fronteira, 2018.

Observo a imagem e vejo as pessoas entrando com flores para deixar nos jazidos dos entes queridos. Na minha caminhada pelo cemitério notei que o capitalismo já chegou à tradição de deixar flores nos túmulos; as pessoas estão optando mais pelas flores de plástico em vez das naturais. Essa mudança pode ser o reflexo da sociedade “líquida” do “desempenho” que afeta até nas relações pós-morte. Fiquei me perguntando o que leva as pessoas a comprar essas “flores”. Pode ser o seu baixo custo, por serem feitas em grande escala, assim barateando o seu preço ao consumidor final. Ou por causa da sua durabilidade, o sujeito multitarefa da atualidade não tem mais tempo para ir com frequência ao cemitério. Assim, no dia dos finados, resolve-se dois problemas, um com a consciência e o outro com o tempo. O primeiro será resolvido cumprindo a sua obrigação frente à memória da pessoa falecida, indo até a necrópole. O segundo com a falta tempo, colocando as flores de plástico no túmulo, realizando um gesto de saudade e respeito. Portanto, com a resistência das flores artificiais frente à efemeridade das naturais deixa o sujeito despreocupado, podendo somente focar em suas tarefas de consumo e desempenho. Com toda essa praticidade, o indivíduo pode esperar que os meios de comunicação capitalistas o avisem da chegada do próximo dia dos finados.

Com a última imagem capturada, comecei a arrumar o equipamento fotográfico, colocando o tripé na sua bolsa e a câmera e o disparador na mochila. Saí do segundo piso e segui na direção do portão principal, atravessei e fui embora para a minha Fragata, com o material necessário para escrever sobre o meu deslocamento, o contato com as pessoas, as histórias e o visto e o não visto nas fotografias da *Cidade dos Mortos*.

Conclusão: Relatório da expedição



Chegou o momento de fazer um breve relatório das minhas descobertas no Mestrado em Artes Visuais. Com o auxílio da cartografia como metodologia de pesquisa pude viajar durante dois anos por mares distantes de pensamentos e reflexões. Nesse tempo olhei para o meu território de existência, o bairro Fragata na cidade de Pelotas no estado do Rio Grande do Sul, para encontrar pistas sobre meus questionamentos herdados na graduação.

Com o passar dos dias e dos meses comecei a encontrar respostas para as perguntas que realizei no início da pesquisa. Indagações referente ao aceleração do cotidiano que afeta a nossa percepção no dia-a-dia, e aos poucos vamos deixando de olhar para cidade. Nesse percurso descobri junto com a fotografia e o fluxo dos transeuntes que somos apenas passageiros anestesiados pelos excessos, de trabalho, informação e de imagens.

O Capitalismo Mundial Integrado (CMI) conceito desenvolvido por Felix Guattari aproveitou-se do aparato midiático para massificar a subjetividade da sociedade, mostrando somente um caminho, o do consumo. Essa necessidade de adquirir não somente bens, mas *status* social contribui para o aceleração do cotidiano, tornando a vida uma rotina.

Para reaprender a olhar para cidade precisei da fotografia e do ócio. No documentário⁶² sobre a vida do poeta Manuel de Barros, encontrei o que era necessário para sair dessa rotina. Barros comentou que precisava do ócio para criar os seus poemas.

⁶² Só dez por cento é mentira - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OaXiOwnP2bQ&=&=> acessado em: 25/07/2019.

Percebi que necessitava de momentos de desocupação, de ficar afastado do fluxo do capitalismo para contemplar a cidade e dela tirar o material necessário para construir essa dissertação. Na atualidade, precisamos encontrar em nosso dia a dia momentos de fuga para sair da rotina imposta pelo CMI. Contemplar a cidade e perceber suas transformações e acontecimentos, seria uma forma de ficar, por um breve momento, distante do cotidiano acelerado.

No início dessa jornada, o meu foco era simplesmente os fluxos e os fixos da cidade, no velejar da pesquisa e com as orientações, conheci o livro de Italo Calvino, *As Cidades invisíveis*, com as histórias das cidades exploradas pelo veneziano Marco Polo. Na leitura do livro descobri as pistas que ajudaram a dar sentido ao trabalho. Cada urbe de Calvino é movida por seus personagens, como os transeuntes das minhas fotografias. Comecei a olhar para o imaginário coletivo dos habitantes do meu bairro, que o consideram como uma verdadeira cidade. Então fui pesquisar a história da origem do nome dado ao bairro Fragata.

Apropriei-me do conceito de embarcação para navegar em “(...) uma cidade em que os espaços do estar são ilhas do grande mar formado pelo espaço de ir” (CARERI, 2013, p. 28). Nessa viagem pela cidade de Pelotas, avistei e desembarquei em três cidades invisíveis, cada uma possuindo uma característica especial. Mas em todas elas necessitei dos transeuntes personificados como moradores, trabalhadores e visitantes para compor as histórias de cada cidade imaginada.

No início da dissertação coloquei uma frase de Manoel de Barros “É preciso transver o mundo”. Como já foi dito anteriormente, vivemos em um fluxo de correria diária.

Com o tempo a rotina vai nos tornando mecânicos e menos imaginativos. Essa frase foi importante para recomençar em doses homeopáticas a transver (imaginar) a cidade e as fotografias realizadas em seu espaço urbano. No processo da pesquisa aprendi a olhar mais para as fotografias que realizo, a ir além do visível e encontrar o invisível dentro das imagens que produzo.

Por fim apresento o mapa das três cidades invisíveis que encontrei dentro da cidade de Pelotas. O mapa com a localização das urbes encontra-se alojado no fundo do baú, que acomoda essa dissertação. Convido o leitor, em algum momento da sua existência a explorar esse mapa e percorrer as cidades invisíveis que imaginei, ou criar as suas próprias cidades como método de fuga ou resistência aos excessos de “positividade” e de “auto exploração” (HAN 2017), que o capitalismo impõe para as nossas vidas.

Link para acessar o mapa e as imagens das cidades invisíveis:

[https://drive.google.com/drive/folders/1lCwRnG8RcwoEsGfY1Xm2KFcUo9vMGy8n?usp=s
sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1lCwRnG8RcwoEsGfY1Xm2KFcUo9vMGy8n?usp=ssharing)

Bibliografia



- BARTHES, R. A câmera clara: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURRIAUD, N. Estética Relacional. São Paulo: Martins, 2009. p. 120-146.
- BOURRIAUD, N. Pós-produção. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 110 p.
- CALVINO, I. As Cidades Invisíveis. Tradução de Diogo Mainardi. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 150 p.
- CARERI, F. Walkscapes - O caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gilli, 2013.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano - Artes de fazer. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1998.
- COSTA, H. Pictorialismo e imprensa: O caso da revista o cruzeiro (1928-1932). In: FABRIS, A. Fotografia usos e funções no século XIX. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. p. 261-292.
- DUBOIS, P. O Ato Fotográfico. Tradução de Marina Appenzeller. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012. 362 p.
- ECO, U. Sobre os espelhos e outros ensaios. In: ECO, U. Sobre os espelhos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 11-37.
- FABRIS, A. A fotografia e o sistema das artes plásticas. In: FABRIS, A. Fotografia usos e funções no século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. p. 173- 198.

- FATORELLI, A. Fotografia Contemporânea: entre o cinema, o vídeo e as novas mídias. Rio de Janeiro: Senac, 2013.
- FERNANDES, M. L. B. R. Entre a Técnica e a Arte: a fotografia no século XIX. Revista Rêtorikê, p. 37-76, 2012.
- GUATTARI, F. As três ecologias. Tradução de Maria Cristina F. BITTENCOURT. 11. ed. Campinas: Papirus, 2001.
- HAN, B.-C. Sociedade do Cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. 128 p.
- JACQUES, P.B. Breve histórico da Internacional Situacionista – IS. Arquitextos, São Paulo, Vitruvius, abril 2003, n. 035.05. <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>>
- JACQUES, P. B. O grande jogo do caminhar. In: CARERI, F. Walkscapes - O caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gilli, 2013. p. 7-16.
- KOSSOY, B. Realidade e ficções na trama fotográfica. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- LEMOS, C. F.; OLIVEIRA, A. Mapeamento, processo, conexões: A cartografia como metodologia de pesquisa. Paralelo 31, Pelotas, p. 40-51, julho 2017.
- MACHADO, A. A ilusão especular - Uma teoria da fotografia. São Paulo: G. Gilli, Ltda, 2015.
- MASSAGLI, S. Homem da multidão e o flâneur no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe. Terra roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários, p. 55-65, 2008.
- MOURA, R. O mundo em uma poça d’água: reflexos e a passagem do tempo. Pelotas:

Monografia, 2014.

OLIVEIRA, E. P. D. Viagem na Memória do Fragata: Estudo sobre a História e Cultura de um “BAIRRO CIDADE”. Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, p. 79. 2007.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. Pista 1 - A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. A cartografia como método de pesquisa: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PEIXOTO, N. B. O Olhar do Estrangeiro. In: NOVAES, A. O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 361-366.

PEIXOTO, N. B. Tempo - As imagens sabem esperar? In: PEIXOTO, N. B. Paisagens Urbanas. São Paulo: Senac, 2003. p. 209-231.

PERSICHETTI, S. Claudia Andujar. São Paulo: Lazuli Editora, 2008.

POE, E. A. O homem da multidão. In: POE, E. A. Histórias extraordinárias. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 377-394.

REVELL, J. Exposição - de simples fotos a grandes imagens. 1. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2012. 270 p.

RILKE, R. M. Cartas a um jovem poeta. Porto Alegre: L&PM Editores, 2017. ROCCA, F. L. A cidade em todas as suas formas. Porto Alegre: Sulina, 2018.

ROUILLÉ, A. Da arte dos fotógrafos à fotografia dos artistas. In: TURAZZI, M. I.

Número 27 - Fotografia. [S.l.]: [s.n.], 1998. p. 304-311.

SÓ Dez Por Cento é Mentira. Direção: Pedro Cezar. Produção: Pedro Cezar; Kátia Adler e Marcio Paes. Intérpretes: Manoel de Barros. [S.l.]: Artesanato Eletrônico. 2010.

SOARES, M. A. P. Representações da morte: Fotografia e Memória. Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 148. 2007.

TIBERGHIE, G. A Cidade Nômade. In: CARERI, F. Walkscapes - O caminhar como prática estética. São Paulo: G.Gili, 2013. p. 17-22.

TIBURI, M.; ACHUTTI, L. E. Diálogo/Fotografia. São Paulo: Senac, 2012.

TONE, L. William Kentridge: fortuna. Tradução de José Rubens SIQUEIRA e Rafael MANTOVANI. São Paulo, Porto Alegre: [s.n.], 2012.

TUAN, Y.-F. Espaço e lugar: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VENTURELLI, S. Arte espaço_tempo_imagem. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.